



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE BELAS ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS
MESTRADO EM ARTES VISUAIS**

JOÃO PAULO GILL DE BARROS DE MACHADO AIRES

“MOSTRA A NOSSA VOZ!”

**Salvador, Bahia
2011**

JOÃO PAULO GILL DE BARROS DE MACHADO AIRES

“MOSTRA A NOSSA VOZ!”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau em Mestre em Artes Visuais.

Linha de Pesquisa em Processos Criativos em Artes Visuais

Orientador: Profº. Dr. Ricardo Barreto Biriba

Salvador, Bahia
2011

A298m

Aires, João Paulo Gill de Barros de Machado –
Mostra a nossa voz. João Paulo Gill de Barros de
Machado Aires. Salvador: 2011.
89 fl. : il.

Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) Universidade
Federal da Bahia, Escola de Belas Artes
Orientador: Profº Dr. Ricardo Barreto Biriba

1. Sociologia da arte. 2. Artes Visuais: Mediação.
3. Interações simbólicas – Bahia. I. Biriba, Ricardo Barreto
(orient.) II. Escola de Belas Artes - UFBA. III. Título.

CDU 7:316 (813.8)

JOÃO PAULO GILL DE BARROS DE MACHADO AIRES

“MOSTRA A NOSSA VOZ!”

Dissertação apresentada ao Mestrado em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Aprovada em de de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Ricardo Barreto Biriba - Orientador _____

Doutor em Artes Cênicas Universidade Federal da Bahia

Maria Celeste de Almeida Wanner _____

Doutora em Artes Plásticas – California College Of Arts, Colorado, EUA

Universidade Federal da Bahia

José Antônio Saja Ramos Neves dos Santos _____

Doutor em Letras – Universidade Federal da Bahia

Aos catadores de todo Salvador por esforçadamente e honradamente recolherem o que a cidade irresponsavelmente desperdiça.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia por ter acreditado no meu projeto.

Ao meu orientador que mesmo distante esteve sempre presente na orientação.

Aos meus pais que sempre acreditaram em mim e nos meus projetos, aos meus irmãos e família que sem eles não teria as primeiras críticas.

À minha mulher Nadja que foi uma luz neste caminho pesado.

Aos meus amigos. Aos catadores que passaram por mim.

Ao pessoal da Conder que me ajudou a encontrar cooperativas de catadores.

À Camapet por ter dado acesso as suas instalações.

E, a todos que aqui não menciono, mas que fazem parte do todo que é a complexidade do mundo.

Quero agradecer a Deus por me ter iluminado e ajudado em momentos delicados ao longo destes quase dois anos aqui em Salvador.

AIRES, João Paulo Gill de Barros de Machado. **Mostra a nossa voz**. 2011, 89 fls. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

RESUMO

Esta dissertação é uma reflexão sobre a história de vida dos indivíduos que aproveitam o lixo como forma de subsistência: os catadores de materiais recicláveis. Foca em particular os catadores de lixo do município do Salvador, Bahia. Aborda a sociabilidade do trabalho e a prática da economia solidária. Discuti o problema da sustentabilidade na atividade econômica, a fragilidade das experiências empreendedoras bem como a observação da produção dos resíduos. Aborda conceitos da sociologia da arte e arte e sociedade no contexto contemporâneo, na dimensão crítica e reflexiva de Joseph Beuys. Cria poéticas visuais que causam impactos e suscitam o diálogo entre dois mundos: o mundo do consumo e o mundo do desperdício. A observação participativa é neste trabalho a base que dá origem a essa pesquisa. Com esta vivência tive a intenção de criar, através da arte, esse questionamento que da origem à reflexão sobre a temática, e, a partir da cooperação com os catadores, “Mostra a Nossa Voz” sobre um problema social. Compreende a importância do artista visual no mundo como agente social que desperte no público o interesse, a reflexão crítica sobre os problemas sociais de ordem humanista.

Palavras chaves: Sociologia da Arte. Arte: Mediação. Interações simbólicas – Bahia.

AIRES, João Paulo Gill de Barros de Machado. **Shows our voice**. 2011, 89pp. ill. Dissertation (Master in Visual Arts) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

ABSTRACTS

This dissertation is a reflection on the life history of individuals who take advantage of the garbage as a means of subsistence: the collectors of recyclable materials. Particular focus on the garbage collectors in the city of Salvador, Bahia. It addresses the social nature of work and practice of solidarity economy. I discussed the problem of sustainability in economic activity, the weakness of the entrepreneurial experience and observation of the production of waste. Covers concepts of the sociology of art and art and society in the contemporary context, the critical and reflective of Joseph Beuys. Creates poetic visual impact and bring about the dialogue between two worlds: the world of consumption and the world of waste. The participant observation in this work is the basis which gives rise to this research. With this experience I had intended to create, through art, this question that the rise to reflection on the subject, and from the cooperation with the collectors, "Show Our Voice" about a social problem. Understands the importance of the visual artist in the world as a social worker to arouse the public interest, critical reflection on social problems of a human.

Keywords: Sociology of Art. Art: Mediation. Symbolic interactions - Bahia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Tentativas de limpeza redes. Ocupação de jardins. João Aires, 2009.	17
Figura 2	Tentativas de limpeza redes. Ocupação de jardins. (detalhes) João Aires, 2009.	18
Figura 3	Tentativas de limpeza. Redes. e teias Ocupação de espaços abandonados. João Aires, 2009.	19
Figura 4	Tentativas de limpeza garrafas e ampulhetas. Ocupações de espaços. João Aires, 2008.	20
Figura 5	Tentativas de limpeza garrafão. João Aires, 2008.	21
Figura 6	Tentativas de limpeza. Janela. Ocupação de espaços abandonados. João Aires, 2009.	22
Figura 7:	Catador. Avenida 7 de Setembro Salvador, Bahia. João Aires, 2011.	30
Figura 8	Catador : Cidade Baixa, Salvador. João Aires, 2011.	31
Figura 9	Contêiner seletivo distribuidos em espaços publicos no Japão.	34
Figura 10	Catador de Latinhas, Foto, : Nelly Lemos.	35
Figura 11	<i>The Shootings of May Third</i> , Goya, 1808 - 1814;Oleo s/ tela.	42
Figura 12	Guernica 1937, Pablo Picasso (1881-1973) óleo s/tela.	43
Figura 13	Carrinho de catador na área da Barra, Salvador. João Aires, 2011.	45
Figura 14	Galpão de recolha de plásticos variados. João Aires, 2011.	48
Figura 15	Catador no Comércio, Cidade Baixa, Salvador, Bahia. João Aires, 2011	50
Figura 16	Galpão de coleta seletiva da Camapet. João Aires, 2011.	52
Figura 17	Transportando <i>Big Bag`s</i> . João Aires, 2011.	53
Figura 18	<i>Big Bag`s I</i> . João Aires, 2011.	54
Figura 19	<i>Big Bag`s II</i> . João Aires. 2011.	55

Figura 20	Evento cooperativo com Camapet. João Aires. 2011.	56
Figura 21	“Uma casa uma família” num galpão. João Aires. 2011.	57
Figura 22	Como explicar desenhos a uma lebre morta. Joseph Beuys, 1965.	60
Figura 23	<i>Cans Seurat</i> . Chris Jordan, 2007.	66
Figura 24	<i>Cans Seurat</i> (detalhe I), Chris Jordan, 2007.	66
Figura 25	<i>Cans Seurat</i> , (detalhe I). Chris Jordan, 2007.	66
Figura 26	<i>Sound Wave</i> , Instalação. Jean Smith, 2007.	67
Figura 27	Sem título, Vik Muniz, 2009.	68
Figura 28	<i>Brazilian Flag</i> . Washington Santana, 2003.	69
Figura 29	<i>Dirty White Trash (with Gulls)</i> . Tim Nobel e Sue Wesbsterm, 1998.	69
Figura 30	Pastel séries. John Dahlsen, 2006.	70
Figura 31	O Homem e o lixo, João Aires, 2010.	73
Figura 32	Os catadores. João Aires, 2010.	73
Figura 33	Série Os Catadores. João Aires, 2011.	73
Figura 34	Série Os Catadores, João Aires, 2011.	75
Figura 35	Série Os Catadores: catador. João Aires, 2011.	76
Figura 36	Série. Os Catadores: a prensa. João Aires, 2011.	76
Figura 37	Série, Os Catadores: a balança. João Aires, 2011.	77
Figura 38	Texturas do lixo e do abandono I. João Aires, 2011.	78
Figura 39	Texturas do lixo e do abandono II. João Aires, 2011.	79
Figura 40	Texturas do lixo e do abandono, III. João Aires, 2011.	80
Figura 41	Texturas do lixo e do abandono, IV. João Aires, 2011.	81
Figura 42	Texturas do lixo e do abandono, V. João Aires, 2011.	82

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.	10
1	VIVÊNCIAS ANTERIORES.	16
1.1	VIVÊNCIAS, EXPERIMENTAÇÃO, PESQUISA ESTÉTICA.	16
2	OS CATADORES: UMA ETNOGRAFIA DO LIXO URBANO.	24
2.1	CONTEXTO SOCIAL.	24
2.2	MAPAS E CAMINHOS: OS SENTIDOS PERCORRIDOS.	26
2.2.1	Consciência e sobrevivência.	33
2.2.2	O cotidiano informativo efemero e (a construção do desperdício).	38
3	ARTE E SOCIEDADE NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO.	41
3.1	VIVÊNCIAS EXPERIMENTAÇÃO E PESQUISA ESTÉTICA.	47
3.2	CONCEITO DE “ESCULTURA SOCIAL.	58
3.3	NOVOS PARADIGMAS DE CONSTRUÇÃO DE PENSAMENTO E METODOLOGIAS PARA A PESQUISA DE EXTENSÃO.	61
3.4	DIALOGOS NA RESSIGNIFICAÇÃO DO DESPERDÍCIO.	65
4	A CATAÇÃO NA INVESTIGAÇÃO.	72
4.1	O DESENHO COMO FORMA DE CATAR.	72
4.2	LIXO INVISÍVEL DE JOÃO NINGUÉM.	83
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.	85
6	REFERÊNCIAS.	87
	APÊNDICE: Cartaz da Exposição <i>Lixo Invisível de João Ninguém</i>	89

INTRODUÇÃO

“Como a maioria das pessoas pensa em termos materialistas, não podem entender a minha obra. Esta é a razão pela qual não considero necessário apresentar meros objetos, para fazer com que as pessoas comecem a entender que o homem não é um mero ser racional”

Joseph Beuys, 1981.

Esta dissertação, resultado da pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, na linha de Processos Criativos, é uma reflexão sobre a história de vida dos indivíduos que aproveitam o lixo como forma de subsistência: os catadores de materiais recicláveis.

Ao principiar a pesquisa foram colocadas várias questões, tais como: Quais são as inquietações que provocam trabalhar este tema? O que acrescenta esta pesquisa ao trabalho já realizado como artista visual? Que artistas que se aproximam mais com o meu processo de trabalho? Até que ponto a performance pode ser veículo para o desenho?

Ao refletir sobre estas questões, foi necessário desenvolver experiências no âmbito do tema (ou da função social do artista) tanto a nível prático, na construção de novas idéias artísticas, bem como no plano da pesquisa teórica, junto com a linguagem, o pensamento conceitual, mundo social e cultural dos catadores de lixo da cidade do Salvador, Bahia.

Porquê os catadores de matérias recicláveis de Salvador? No passado as minhas metodologias artísticas eram voltadas para o trabalho de ateliê, e concentravam-se na centralização de temas pessoais. Mas, após a minha chegada a cidade de Salvador, as preocupações, voltam-se para propostas que procuram na rua o objeto de pesquisa. E como tal, a observação do mundo que nos rodeia.

Os catadores percorrem a cidade todos os dias, na procura de latas, papelões, plásticos, metais e tudo aquilo que pode ser trocado por dinheiro. Desta forma, muitos sobrevivem da coleta de resíduos recicláveis.

Ao se fazerem deslocar pela cidade com enormes quantidades de materiais, a imagem é já do ponto de vista visual e sócio, muito forte. Representa de uma forma crua e explícita as gritantes diferenças sociais. Fazem parte de uma sub-economia com base na economia de consumo de massa, num mundo em que os valores passaram a ser os do consumo, o desperdício evidente e irresponsável.

Este cenário despertou em mim afeto por eles, já que representam de forma muito peculiar um mundo em desequilíbrio. Sob esse ponto de vista, esse fato fez com que, como artista, envolvido com tal problema: optei por investigar este sujeito, objetivando dar visibilidade à ação destes homens, mulheres e crianças a partir da minha produção artística. Quero dizer: Chamar atenção para os processos de desumanização social do nosso entorno, o que a arte contemporânea pode pôr como questão fundamental para pensar a sociedade de consumo, o lixo urbano e a estética do cotidiano.

As reflexões de Husserl (1965 p.72), deixam claras a importância dos processos associativos e os conceitos que direcionam a obra plástica, ao afirmar que “não é das filosofias que deve partir o impulso de investigação, mas sim, das coisas e dos problemas”. Assim, mergulhar a fundo no mundo dos catadores é tentar descobrir as origens dos problemas, a vida, o dia-a-dia, o belo, o sublime, a crueldade da vida que estes levam, e principalmente descrever em forma de poética visual e transparente, tudo o que submeto a experimentar.

Neste sentido, os catadores são o objeto de estudo. As latas, o papelão e garrafas de plástico são elemento de ligação que utilizo para representá-los nas experiências artísticas. A coleta diária dos resíduos pelos catadores tem uma carga emblemática e conceptual forte. Ao fazê-la representam a contribuição positiva ao equilíbrio da sociedade. Este trabalho desprezado por muitos, dignifica muita gente que por inúmeras razões tem dificuldade ao acesso a trabalhos convencionais, e na coleta diária, vão fazendo uma tarefa de extrema importância para o ambiente e a saúde pública. Estas pessoas têm um papel fundamental no equilíbrio de limpeza do espaço físico da cidade. Imagine a cidade sem catadores?

Ao relacionar a temática desta pesquisa aos procedimentos metodológicos, o objetivo desta investigação é realizar um trabalho plástico que sirva para discutir na academia e fora dela a problemática do lixo em Salvador.

Focar em particular os catadores de matérias reaproveitáveis e dar visibilidade ao seu digno trabalho, criando poéticas visuais que causem impacto e suscitem o diálogo entre dois mundos o mundo do consumo e o mundo do desperdício. E, levar para o debate, através de exposições e desta dissertação questões sobre a problemática social da arte no pensamento contemporâneo.

Dessa forma, pode-se dizer que as relações entre as minhas observações enquanto artista plástico e o contato com os catadores são importantes paralelismos que alimentam o meu pensar e o meu fazer artístico, situando a minha intervenção artística integrada ao desenho, à pintura e a instalação.

A observação participativa é neste trabalho a base que dá origem a pesquisa que estou desenvolvendo, neste caso, eu sou o performer quando me dirijo para os galpões imersos de lixos localizados em vários pontos da cidade. Causando assim, um estranhamento para as pessoas que trabalham nestes locais, e tenho plena consciência que a minha presença nos locais de recolha de resíduos é questionada por todos. Com esta vivência tive a intenção de criar através da arte esse questionamento que dá origem há reflexão sobre a temática. E a partir da cooperação com os catadores juntos podemos “mostrar a nossa voz” sobre um problema social. Estes lugares, causam-me um sentimento de inquietação quando comparado ao outro lado da cidade e a forma com qual essas pessoas trabalham, mas que infelizmente ainda não são tão reconhecidos pelos seus trabalhos que são de extrema relevância.

A minha interface comunicativa é o diálogo a troca e depois o desenho pelo qual vou registrando tudo o que vejo, ao mesmo tempo essa atitude desperta nos catadores singular interesse e muitos questionamentos. “O que faz este aqui a desenhar o lixo?”

A proposta “mostra a nossa vós” é um trabalho que começa na observação, no registro pelo desenho, e que se transforma em performance quando me apercebo que a minha presença no campo desperta atenção dos presentes. Gerando perguntas, tais como: o que é que um turista faz num lugar tão feio? Por que é que desenha estes temas? E não desenha as paisagens tão bonitas da Bahia? O que esta fazendo aqui? Por que é está fazendo isso? Para que serve? É perigoso estar aqui! Ó gringo ficou maluco? O que é que você está procurando aqui? O que é que eu ganho com isso? Um dos catadores Edilson que acabava de receber o dinheiro da troca do seu material, dizia: “Mostra a nossa voz irmão”.

Tais perguntas me fazem pensar que a minha presença os inquieta, provoca estranhamentos, e questões e que eles próprios a colocam a si próprios e aos outros. Como pronunciando sou um performer quando estou ali. Sinto variadas sensações, como por exemplos: bom humor, o mal-estar, o medo do outro, a insegurança da morte, a instabilidade emocional, a vida crua e desnuda, e o mais importante, os sentimentos para realizar este trabalho a certeza das minhas dúvidas e a convicção dos meus objetivos. Ao longo do tempo que me envolvo com os 'Catadores' apercebi que represento o irreal, o personagem fictício, o sonhador, o utópico ou simplesmente um homem a favor das causas humanas que esta ali para acompanhar o quotidiano de gente simples, que vê o seu trabalho invisível perante uma sociedade inteira.

A *“Mostra a Nossa Voz”* é um trabalho que retrata a procura por algo genuíno e real, a vida com todos os seus ingredientes e emoções, que transmitem sentimentos, questionamentos e principalmente, uma experiência conflituosa e ao mesmo tempo útil. E, com o trabalho artístico que elaboro sirva para causar uma reflexão de mentalidades e costumes. De modo semelhante, o ativista alemão Joseph Beuys (1921-1986), se vale de estratégias variadas: ação, escultura, instalação, debates, múltiplos, cartazes e etc. O trabalho Nós Somos a Revolução, de sua autoria, ele revela preocupações a nível social e o compromisso político da arte na divulgação da problemática social e ecológica.

Faço um paralelo entre artistas como Chris Jordan, Jane Smith, Vik Muniz, Washinton Santana entre outros, cujos objetos de arte, não são mais para eles do que os restos de ações e operações simbólicas, que, no entanto podem ser lidos de forma a constituir uma textura cuja coerência se opõe a critérios sócio-ambientais e posicionamentos públicos.

Para fundamentar e construir um arcabouço teórico sobre o objeto de estudo desta pesquisa, foi necessário uma investigação criteriosa acerca dos teóricos que tratam os temas: a cultura do auto-emprego e economia solidária, reutilização de resíduos sólidos urbanos, arte e contexto social, construção da obra de arte. Subdividi este estudo em partes para facilitar o entendimento das minhas questões.

O primeiro capítulo Construção de um Processo Metodológico é formado por uma base teórica e conceitua sob o ponto de vista de sentimentos individuais a

cerca do olhar do artista como mediador das transformações sociais. É o relato de tramas de linguagens visuais, fundamentadas a partir da metamorfose dos objetos abandonados nas ruas da cidade do Porto, Portugal.

No segundo capítulo *Os Catadores Etnografia e Imaginário* situa o contexto dos catadores de lixo do município do Salvador, aborda a sociabilidade do trabalho e a prática da economia solidária. Discuti o problema da sustentabilidade da atividade econômica, a fragilidade das experiências empreendedoras bem como a observação da produção dos resíduos que é na realidade o resultado de uma sociedade de consumo, que gera não apenas o rejeito material, como também a rejeição social, como é o caso dos catadores de lixo, que se alimentam e sobrevivem do resto e das sobras daqueles que consomem e descartam o que se considera inútil.

O terceiro capítulo *Arte e Sociedade no Contexto Contemporâneo* abordam conceitos da sociologia da arte e arte e sociedade no contexto contemporâneo, na dimensão crítica e reflexiva de Joseph Beuys, valendo-se de ações e instalações para manter viva a indignação dos homens diante da miséria e da injustiça, sem precisar dar livre curso às ideologias que visam garantir o imprescindível direito à diferença.

Com Chris Jordan, Jane Smith e Vik Muniz encontrei que o sentido das obras de arte é aberto, para indagar e denunciar a desigualdade, a crueldade e a escravidão que ainda existe camuflada por salários miseráveis. Principalmente os contrastes de uma sociedade completamente desequilibrada causada por sistemas políticos irresponsáveis. O que não iremos aprofundar neste trabalho.

A pesquisa de extensão e a abertura da universidade ao mundo é também referido neste capítulo no objetivo suscitar a reflexão para uma ligação mais concreta da universidade e sistemas de ensino à realidade palpável do mundo.

No quarto capítulo *O Desenho como Forma de Catar*, apresento a metodologia prática de evolução da pesquisa que dará origem a exposição final. Em Salvador encontrei contrastes brutais. A rua passou a ser o local onde penso e desenvolvo o projeto de trabalho e investigação, onde amplio a observação participante e me submerso, a procura da verdade real, no mundo concreto. Estar na rua, lidar com a rua, conhecer as pessoas de rua, resumindo: estar presente. Faz a

idéia ganhar mecanismos para se poder expandir como poética visual, na experiência do que vivo e sinto. Pois este trabalho não é mais que uma interpretação da minha experiência de vida.

A conclusão deste estudo indica a necessidade do artista plástico, sujeito-cidadão reflexivo, criar questionamentos e ações que problematizem o comportamento humano e o ser artista e público no mundo contemporâneo.

1 VIVÊNCIAS ANTERIORES

1.1 VIVÊNCIAS, EXPERIMENTAÇÃO, PESQUISA ESTÉTICA: PROJETO OS CATADORES

Antes de entrar no Mestrado desenvolvia um tipo de pesquisa artística que se assemelhava ao que hoje trabalho.

O artista era um catador inesperado. O trabalho consistia na apropriação de objetos abandonados nas ruas da cidade do Porto, a construção de assemblages e o abandono dessas mesmas assemblages pelas ruas. A esse projeto chamei de Tentativas de Limpeza. O objetivo era através do lixo despojado pelas pessoas na cidade construir formas e instalações que permitissem o estranhamento. O nome já sugere o objetivo do projeto. A limpeza dos lugares e não lugares da cidade. Desta forma fui fazendo as ocupações do espaço público com lixo catado deste mesmo espaço. Limpando de certa maneira o que era lixo depositado, transformando-o em formas que sugerem uma ação humana intencional.

Desenvolvi este projeto em vários lugares, na rua, em parques, praças, em locais privados outros abandonados pela população das cidades e até em Universidades. O trabalho se desenvolveu da seguinte forma: escolhia os locais de ação, depois percorria a cidade em um carro e recolhia o lixo que me parecia mais interessante para a construção das instalações. Desde cadeiras a garrafas a paus de madeira e móveis abandonados etc. Muitas vezes apenas com giz na mão desenhava marcas do lixo nos locais onde o encontrava. Depois de recolher o objetos, dirigia-me ao local já escolhido, e ali construía as minhas instalações. A minha atitude posso entendê-la como uma performance, uma intervenção ou arte de ação, pois este estado que pode ser visto também como estado comportamental, aproxima as minhas dúvidas e questões sobre o lixo depositado nas ruas pelas pessoas. Num diálogo entre a arte a sociedade de consumo e os desdobramentos da atual pesquisa.

De fato, o meu trabalho reflete a própria atitude das pessoas no caráter de despojamento de bens desperdiçados, pois, abandonei sempre as obras que criei pelas ruas, praças, jardins e casas abandonadas. Depois de fazer os trabalhos simplesmente ia embora e deixava para que a sociedade se encarrega-se deles, pois é isso que acontece cada vez que deixamos algo na rua.

É fundamental perceber que a minha atitude não a de abandonar objetos desperdiçados na rua mas sim, fazer com que as pessoas possam se questionar a partir das suas próprias ações rotineiras. Por exemplo joga-se fora um armário, que durante muitos anos teve função em uma casa. Coloca-se na rua a porta de casa á espera que passe o lixo e o leve. Mas em vez de passar o lixo passou o “João” que pegou o armário e o deixou no meio da praça principal da cidade aos olhos de todos. Questiono então quais reações podem suscitar o reencontro entre o armário, o lixo, a arte, e o seu antigo proprietário. Ao perceber a transformação que o tal passou, e o novo conceito que lhe foi impresso. Assim, ao trocar os locais do lixo eu quero limpar a cidade. Transformar o que supostamente não tem mais utilidade para alguém, em algo que tenha valor conceptual. Novas formas, novos contextos. (Figuras 1 e 2).

Figura 1: Tentativas de limpeza redes e ocupações. *Ocupação de jardins*
Autor: João Aires e Jorge Araujo, 2009.
Materiais: Rede ferro granito madeira.



Figura 2: Tentativas de limpeza redes e ocupações.
Ocupação de jardins (detalhe).
Autor: João Aires e Jorge Araujo 2009
Materiais: Rede ferro granito madeira



Fonte: Arquivo fotográfico do autor.

Assim, a obra Tentativas de Limpeza tem como objetivo a limpeza oriunda da descontextualização das coisas. Fazer os trabalhos na espontaneidade do momento e encontrar as soluções no acaso da vida. Neste processo é muito importante os caminhos que percorro todos os dias. Pois neles vou encontrando as 'coisas' que normalmente apresento nestas ações.

Nesse sentido quero registrar o lixo do mundo que vou encontrando. E ao apresentá-los, ponho em causa as suas funções normais, trocando os sentidos, movendo-os dos locais habituais para novos completamente diferentes e transformando-os e criando situações algo ambíguas cômicas e até confusas. Essa

confusão traz a questão essencial destes projetos. O que é que aquilo está a fazer ali? (Figura 3).

Figura 3 – Tentativas de limpeza. Redes e teias. Ocupação de espaços abandonados
Autor: João Aires, 2009
Materiais: Ferro, cadeira. Televisão e fraldas.



Fonte: Arquivo fotográfico do autor.

Quero sentir o momento em que coloco os objetos nos lugares escolhidos e também a hora em que deixam de ser objetos de fato e tornam-se quase irreais. As suas reais funções quase que se esfumam tornando-se algo com mais que uma cadeira, mesa, armário, garrafa ou outra coisa qualquer. (Figuras 4 e 5) Estas ações me estimularam a continuar a pensar sobre a sociedade do lixo, suas possibilidades estéticas, e desdobramentos conceituais.

Figura 4 – Tentativas de limpeza garrafas e ampulhetas. Ocupações de espaços.
Autor: João Aires, 2008
Materiais: garrafas, água, crude, areia e ar.



Fonte: Arquivo fotográfico do autor.

Figura 5 – Tentativas de limpeza garrafão
Autor: João Aires, 2008
Materiais: garrafas, pvc.



Fonte: Arquivo fotográfico do autor.

Na instalação *Tentativas de Limpeza. Janela Ocupação de Espaços Abandonados* (Figura 6), é o resultado de um trabalho investigativo a partir de materiais que encontrava tal qual um catador, que só procura aquilo que sabe que vai ter retorno.

Figura 6 – Tentativas de limpeza. Janela ocupação de espaços abandonados
Autor: João Aires, 2009
Materiais: janela, cadeiras e acrílico



Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Construindo objetos novos, significados e significações encontro perguntas e mais perguntas. Depois de ter arrumado, desarrumado voltado a arrumar informação, descobri o caos de coisas e coisinhas, objetos do passado que me foram aparecendo. É neste contexto que movendo e reunindo, crio este tipo de poéticas visuais, com as mudanças de signo. Questionando as pessoas da cidade com trabalhos feitos a partir dos seus próprios despojamentos. Valorizando o que é desperdiçado questionando os limites do que já não serve. Este trabalho desenvolvido no Porto levou-me a tentar ir mais a fundo na conjuntura da situação do lixo em Salvador. A experiência no registro e na construção das imagens e poéticas que trouxe de Portugal foram importantes para abordar estas temáticas em Salvador de forma nova, mas com uma essência semelhante.

A técnica da observação direta, com entrevistas informais, as anotações do pesquisador e artista, foram seguindo repletas de anotações visuais e verbais, numa tentativa de esclarecimento sistemático e conceitual para o desenho de observação.

A respeito desse assunto, Salles (2008, p. 95) diz que:

Sempre no ambiente do inacabado de minhas próprias observações, consigo perceber, até o momento, alguns campos interessantes para essa observação, que são os diálogos das linguagens, com atenção especial ao desenho e às interações cognitivas.

O resultado do processo de criação, segundo a referida autora, é um fenômeno do surgimento espontâneo, com origem na dinâmica do desenvolvimento, do aprendizado e da evolução, é igualmente uma resposta aos desafios materiais e aos apelos culturais e históricos.

Nesse processo, a cultura do lixo urbano, principalmente o lixo proveniente da população residente, tem se tornado um importante aspecto a ser estudado. Neste sentido, a própria noção de sensibilidade, encontra mecanismos através da arte, para uma virada cultural que motive a sociedade a questionar a cadeia de acontecimentos após o despojamento dos resíduos urbanos. A materialidade da obra e a objetividade da criação artística constituem o lugar por excelência da determinação de sentido, implica uma experiência estética que leva à reflexão e ao diálogo.

2 OS CATADORES. UMA ETNOGRAFIA DO LIXO URBANO

“A priori, antes de suas obras, a arte é uma crítica da feroz seriedade que a realidade impõe sobre os seres humanos”
ADORNO, 2001, p. 13

2.1 CONTEXTO SOCIAL

Vive-se num mundo complexo em que as diferenças sociais são cada vez mais acentuadas e profundas. Em que o consumismo leva a procura da satisfação momentânea da população em geral com bens, na tentativa de sarar problemas de insatisfações sucessivas, tornando a busca pelo ‘novo’, obsessivo e constante. Abandonando os bens que não servem mais e trocando por novos de forma irresponsável e desequilibrada.

Neste contexto em que o consumo é o principal convite, e o lixo o mais abundante que nunca, aparece um grupo de pessoas que lida diretamente com os despejos e mercadorias rejeitados. Eles são os Catadores de materiais recicláveis. Pessoas que dependem do lixo para sua sobrevivência e também para poderem chegar aos próprios bens de consumo.

Numa cidade em que o apelo ao consumo é constante, pelo marketing e publicidade o convite á aquisição de bens é uma banalidade gerada pela industrialização e, o desequilíbrio social torna-se ainda mais visível. A quantidade de lixo gerada todos os dias é a única certeza real que salta à vista e interfere diretamente no dia a dia das pessoas.

De acordo com Nascimento (2000, p.123), é necessário maior partilhamento, cooperatividade e prestatividade pois:

Cria-se, dessa forma, um paradoxo na sociedade moderna, pois o excluído sempre está dentro, na medida em que não existe mais o estar fora. Sempre está envolvido no processo de produção – consumo. Sempre ocupa um destes lugares, senão os dois. Os catadores de papel ou lixo em geral, por exemplo, estão inseridos no processo produtivo, ocupando a base de uma hierarquia de

negócios, cujo ápice é ocupado por indivíduos ricos, que se apropriam dos valores produzidos na base.

Ao longo do tempo que tenho estado em Salvador acompanho catadores de materiais reciclados nos seus percursos pela cidade. A princípio, fiquei surpreendido com a quantidade de lixo que é acumulado ao longo do dia.

Encontrei muitos tipos de pessoas, uns que exercem esta atividade por dificuldades de acesso a trabalhos convencionais na esperança de ganhar algum dinheiro. Alguns, para comer algo ao final do dia, outros para sobreviver um dia após o outro na incerteza do dia que vem a seguir.

Descobri nestes sujeitos a capacidade de desenvolver estratégias de sobrevivência, rejeitados pela população que os fez aparecer nas ruas. Vivem no fundo da cadeia de consumo para comprar os seus próprios bens. São pessoas com histórias de vida completamente diferentes que foram para a catação pelos mesmos motivos: falta de dinheiro. E de forma honrada vão fazendo a separação de matérias para a reciclagem.

No mundo urbano contemporâneo há uma fragmentação do espaço social em vários territórios, lugares e não lugares como explica Augé (1994, p.16):

[...] separados por fronteiras simbólicas que delimitam o pertencer a determinados grupos sociais ou culturais, criam barreiras e definem identidades, separando práticas sociais e visões de mundo antagônicas ou conflituosas. É nesse espaço urbano que as fronteiras simbólicas organizam e ordenam os grupos sociais em suas mútuas relações, criando e abolindo diferenças, separando, aproximando, nivelando e hierarquizando.

De acordo com Augé encontrei em Salvador essa fragmentação de espaços sociais, visitei lugares onde vive e trabalha a população que é excluída. Pude observar locais onde se consome e locais onde são depositados os resíduos desse consumo. Lugares esses que não fazem parte dos roteiros turísticos, que estão tão longe das propagandas tentadoras dos *shoppings*, praias, praças entre outros locais do quotidiano de qualquer soteropolitano.

Então neste contexto deparei-me com os lugares em que a população vive, trabalha, consome e faz as atividades diárias, ao mesmo tempo em que me desloquei aos lugares onde a população não quer saber que existem os ferros-velhos, lixões, aterros sanitários, associações de catadores de lixo entre outros.

O mundo precipita-se na realidade por uma espécie de interpenetração mortal, cai na realidade como de um resíduo do qual a arte doravante faz parte e o mundo paga por isso. (DUVE, 1996). Quero com isto dizer que a sociedade vai se degradando a medida que se autoconsome. O mais incrivelmente e assustador é que o homem tem consciência da sua autodestruição e não cria mecanismos concretos para reverter a situação.

2.2 MAPAS E CAMINHOS: OS SENTIDOS PERCORRIDOS

O artista, interagindo com as redes culturais, está inserido em seu espaço geográfico e social, com restrições e possibilidade de deslocamentos (SALLES, 2008).

Se lhes perguntassem, os habitantes de Leônia – outra das cidades invisíveis de Ítalo Calvino- diriam que sua paixão é “desfrutar coisas novas e diferentes”. De fato. A cada manhã eles “vestem roupas novas em folha, tiram latas fechadas do mais recente modelo de geladeira, ouvindo jingles recém-lançados na estação de rádio mais quente do momento”. Mas a cada manhã “as sobras de Leônia de ontem aguardam pelo caminhão de lixo”, e um estranho como Marco Pólo olhando, por assim dizer, pelas frestas das paredes da história de Leônia, ficaria imaginando se a verdadeira paixão dos leonianos na verdade não seria “o prazer de expelir, descartar, limpar-se de uma impureza recorrente”. Caso contrário, por que os varredores de rua seriam “recebidos como anjos”, mesmo que sua missão fosse “cercada de um silêncio respeitoso” (o que é compreensível- “ninguém quer voltar a pensar em coisas que já foram rejeitadas) “? Como os leonianos se superam na busca por novidades, “uma fortaleza de dejetos indestrutíveis cerca a cidade”, “dominando-a de todos os lados, como uma cadeia de montanhas (BAUMAN, Vidas desperdiçadas 2005. p 7)

Tal como Leônia, Salvador é uma cidade que se autodescarta com o consumo fácil do novo, do moderno e da moda que rapidamente se torna indesejável, transformando-se em lixo. É uma cidade em que o incentivo ao

consumo é muito forte. E que as pessoas são bombardeadas todos os dias com novas propagandas anunciando o novo e inovador. Imagens de produtos que prometem a “felicidade” fácil e acessível a toda a gente.

Salvador é num mundo complexo. As diferenças sociais são cada vez mais gritantes e profundas. É uma cidade dominada pelo consumismo como tantas outras urbes espalhadas por esse mundo fora, em que tudo parece ser descartável.

Basta passearmos pelas ruas de comércio ou até onde é mais visível pelos centros comerciais. O modelo social do consumo atualmente tem como base a troca rápida de bens que não servem mais, trocando por novos de forma irresponsável e desequilibrada. Este é o nosso mundo, o mundo do desperdício.

Cria-se, dessa forma, um paradoxo na sociedade moderna, pois o excluído sempre está dentro, na medida em que não existe mais o estar fora. Sempre está envolvido no processo de produção – consumo. Sempre ocupa um destes lugares, senão os dois. Os catadores de papel ou lixo em geral, por exemplo, estão inseridos no processo produtivo, ocupando a base de uma hierarquia de negócios, cujo ápice é ocupado por indivíduos ricos, que se apropriam dos valores produzidos na base (NASCIMENTO, 2000, p.123)

Tenho percorrido a cidade, fotografando, desenhando, alimentando a minha curiosidade e procurando nas ruas o sentido estético para as minhas poéticas. Observo os catadores seus comportamentos suas indumentárias, seus carrinhos de mão, seus sacos gigantes, e a forma como vão percorrendo seus trajetos até chegarem aos depósitos onde descarregam os materiais encontrados.

Quando os observo penso nas variadas leituras que me suscitam. Levam-me a refletir em múltiplas questões perturbantes da humanidade. Ao carregarem aqueles sacos de matéria desperdiçada, concentra no seu conjunto a igualdade da sujeira da população. Juntam-se num mesmo saco o lixo da classe mais abastada financeiramente e os menos abastados.

Dentro daqueles sacos existem produtos oriundos de várias classes sociais. Mas que nesse momento estão misturados. Sendo assim a idéia de classes se dilui em apenas desperdício. Pois nos seus percursos pela cidade eles atravessam bairros ricos e pobres com a missão de recolher o que para outro lado da sociedade já não tem valor de mercado, é algo indesejado, ou seja, lixo.

Percebi nestes sujeitos uma atividade nobre, que é rejeitada ou desprezada pela sociedade, fruto de um sistema que valoriza, sobretudo, o consumo de massas e o descarte fácil. Mas esquece das problemáticas que esse tipo de atividades necessita para ser mais eficaz e limpo. A princípio, a falta de consciência social na separação dos lixos faz com que os sacos de lixo doméstico tenham misturas de lixos orgânicos com lixos recicláveis dificultando ainda mais o seu trabalho.

Vivem no fundo da cadeia de consumo para poderem eles mesmos ser parte dessa cadeia. São pessoas com histórias de vida completamente diferentes que foram parar á catação pelos mesmos motivos, falta de outras oportunidades. E de forma honrada vão fazendo a separação de matérias para a reciclagem.

É surpreendente a quantidade de lixo que é acumulado dia após dia. E também a forma como esse mesmo lixo é transferido de um lugar para o outro. Dos locais de consumo para os locais de recolha. Este despojamento total da população é importante para compreender o meu trabalho de investigação.

Augé (1994) no seu discurso fala da fragmentação de espaços sociais. Dessa fragmentação resulta o desequilíbrio real dos espaços físicos. Falamos então de lugares em que queremos estar e lugares que não queremos ver que existem. Esses lugares que a população em geral não quer ver. São resultado daquilo que no fim da cadeia de consumo se chama lixão, aterro sanitário, ferro velho etc. Lugares onde aquilo que não interessa vai parar.

Será que a população tem consciência? Será que a nossa condição de consumidores nos leva a ponderar e a escolher os bens que consumimos e desperdiçamos. Ou estamos completamente alienados da nossa própria responsabilidade.

No âmbito do desenvolvimento deste trabalho fui me aproximando de pessoas ligadas diretamente á recolha de materiais. Visitei vários lugares onde os materiais recicláveis são depositados. Fui me apercebendo da realidade no convívio com pessoas que se dedicam a esta tarefa. Deparei-me com a falta de reconhecimento social do seu trabalho que afinal consegue (juntar tudo no mesmo saco o lixo dos mais abastados financeiramente e dos mais pobres financeiramente. E é neste ponto em que as minhas poéticas visuais se alicerçam para tomar forma.

O meu trabalho artístico é na rua ao lado destas pessoas, observando a vida tal como ela é. A partir desse encontro, observo seus problemas e inquietudes, compartilho preocupações através do diálogo.

Ao encontrar o 'outro' em mim e sentir que esse 'outro' se vê em mim é o princípio básico para a construção da "verdade". Não somos mais do que catalisadores de vida.

Como artista devo discutir estas problemáticas a nível acadêmico e também na rua e nos locais onde me deslocar. Posso expor aquilo que vejo e sinto, levanto estas questões à sociedade através da arte e do pensamento crítico.

Como diz Joseph Beuys "A arte não acabou, está viva em cada um de nós e é a que permite a harmonização do ser humano com o mundo" (BEUYS apud ADRIANI, KONNERTZ, e THOMAS, 1989).

Durante o tempo que estou em Salvador também tornei-me um catador, vaguei pelas ruas, sentei, observei e recolhi as imagens daquilo que me rodeava. Visitei vários lugares desde a periferia aos vários centros da cidade. Estive em shoppings, em comércios de rua, em feiras, nas festas da cidade, como também procurei estar observando o outro lado, em aterros sanitários (Canabrava, São Rafael e o lixão de Itaparica), em ferro velhos depósitos de matérias recicláveis cooperativas de catadores e etc.

É importante para o desenvolvimento desta pesquisa, começar pela realidade concreta do mundo no qual estou inserido. Por isso me submergi desde o primeiro momento. Nos diversos percursos que fiz pela cidade, encontrei o meu tema de investigação. Era impossível me abstrair do que vi. E esse fato fez de mim um observador a tempo inteiro.

Optei por começar a investigação pelas ruas de Salvador. Passei muito tempo parado na área da Avenida 7 de Setembro, na Praça da Piedade, na parte baixado Elevador Lacerda (área da Cidade Baixa), na Avenida Carlos Gomes e em muitas outras ruas da Capital Baiana, só há espera do momento em que os Catadores passem à minha frente. Na grande maioria a partir das 18 horas, quando o comércio fecha (Figura 7).

Figura 7 – Avenida 7 de Setembro Salvador, Bahia
Fotografia: João Aires, 2011



Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Vindos de vários lugares distantes, desde o Rio Vermelho à Boca do Rio, Periperi e Itapuan. Eles percorrem toda a cidade e coletam o máximo de materiais possível.

Estas observações fazem-me compreender a importância do papel que estas pessoas têm na sociedade. Depois de percorrer a cidade ao lado dos catadores achei importante ir aos locais onde depositam os materiais.

Na cidade baixa, na ladeira do Taboão, perto do Comércio, todos os dias centenas de catadores vão depositar os materiais aproveitados. Um dos pontos que visitei é uma pequena sala num edifício em ruínas com uns 90 metros quadrados. Na porta de entrada encontram-se duas balanças vermelhas, que pesam o material a ser trocado por dinheiro consoante o valor de mercado tabelado. A sala fica abarrotada de sacos gigantes cheios de garrafas pet ou papelão, a espera de alguma empresa de reciclagem passar e levar os objetos recolhidos, ao fim do dia.

Nesse local havia uma família que trabalha há 18 anos na atividade e que se dedica exclusivamente à compra e venda de papelão e plásticos. Ao longo do

tempo pude observar catadores trocarem os seus achados por dinheiro.

Fui bem recebido pela família, que logo demonstrou interesse na minha pesquisa. Quando expliquei qual era o objetivo do trabalho (a sensibilização da população para as problemáticas do lixo e o desperdício numa visão artística), esta família ficou contente e surpreendida por estar a trabalhar este tema. A mulher mais velha, mãe da família, dizia “Que bom que é podermos dar algum valor a esta gente que de uma forma ou de outra faz um trabalho que é digno e muito importante.” Também falamos dos problemas destas pessoas, pelo que percebi a passagem dos catadores por ali é muitas vezes resultado de um vício chamado *crack*. (droga manufaturada a partir do resíduo da cocaína).

Mas em outros lugares em que estive, a atividade dos catadores surge da falta de oportunidades de trabalho e o alto índice de desemprego. E na era da globalização o desemprego é uma realidade muito cruel que afeta principalmente as classes mais carentes, levando o homem a buscar formas de sustento para si e para a própria família. Esta é a situação dos catadores de lixo, que andam pelos bairros e pelas ruas da cidade catando materiais recicláveis de forma a amenizar o sofrimento e a falta de emprego, longe do exercício de seus direitos de cidadania (Figura 8).

Figura 8: Catador na zona da cidade baixa Salvador
Fotografia: João Aires, 2011



Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Na tentativa de construir conceitos com base na ação dos catadores das ruas de Salvador, o que proponho é muito mais formas de percepção sobre estes “estados subumanos”. Longe de ser um conceito concluso. O ser catador pode ser enquadrado como uma profissão, a qual como tantas outras deve estar amparada por segurança social, previdência, aposentadoria entre outros. Um ser social que faz o papel do poder municipal, ou seja da secretaria que gere o lixo urbano.

Segundo Rech (2008), os catadores chegam a ganhar uma média diária de 27 (vinte sete) reais e percorrem entre 21 (vinte e um) e 30 (trinta) quilômetros por dia com um peso que varia entre 150 (cento e cinquenta) a 170 (cento e setenta) quilogramas. Hoje deparamo-nos com esta nova profissão, é impossível passar pela cidade e não reparar nestes novos trabalhadores profissionais que refletem a dignidade humana e os valores do povo e do trabalho honesto.

Eles estão presentes em toda a cidade, mas muitos preferem fingir que eles simplesmente não existem. Entretanto, os catadores de papel com seus carrinhos lotados de material reciclável já fazem parte da paisagem urbana, em um reflexo direto do alto índice de desemprego no Brasil. (RECH, 2008, p. 1).

A legalização do trabalho dos catadores de lixo e como essa questão é tratada em outros países, tendo em vista a observância obrigatória em um Estado Social do Direito em oferecer as condições adequadas ao pleno desenvolvimento das capacidades das pessoas e grupos sociais, visando à concretização da igualdade social, Constance (2005, p.1) comenta sobre o assunto e explica que:

O que mudou nos últimos anos foi a magnitude e a visibilidade dessas atividades, graças a vários fatores convergentes. Um deles é o crescimento inexorável das cidades da região, a maioria das quais não tem meios adequados para coletar, processar e destinar o lixo. Outro é a expansão do uso de embalagens de papel, plástico e vidro no setor de produtos alimentícios e outros bens de consumo e o crescimento paralelo de indústrias que reciclam esses materiais. Por último, o desemprego provocado por crises econômicas recentes tem levado milhares de pessoas a se dedicar à coleta de lixo em tempo integral ou parcial.

De acordo com Constance (2005), trata-se da luta pela sobrevivência destas pessoas em aproveitar os desperdícios da desmesurada forma de capitalismo selvagem em que vivemos. Tudo gira em volta do capital e do consumo

massificado de bens pré-fabricados. O êxodo rural, ligado ao desemprego é também outro fator importante.

O catador vem, deste modo, criar uma subeconomia do desperdício. É claro que ao vender os seus materiais repõem de volta esses materiais no mercado, criando um círculo de reciclagem. No mundo em que vivemos é muito importante que esse círculo se feche, pois cada vez mais existe menos espaço no mundo para o lixo. E, ao mesmo tempo em que coleta os materiais, ele faz uma prestação de serviço público neste sentido, ganha alguma dignidade como ser humano, realizando um trabalho importantíssimo nos dias de hoje.

Muitos catadores assumem que gostam do que fazem e sentem que estão a contribuir para uma melhor qualidade de vida nas cidades. Muitos se assumem como trabalhadores ecológicos. E isso faz deles uma espécie de anjos protetores da cidade.

De fato, o lixo é um problema real no mundo. Provoca doenças, mal estar e degradação. Também é reflexo da sociedade em que vivemos. Pois toda a busca pelo novo e pela moda, tem um preço alto a pagar.

2.2.1 Consciência e sobrevivência

Em termos comparativos com os países chamados desenvolvidos a reciclagem é feita de formas muito distintas. Na Europa, por exemplo, a reciclagem se apresenta no sentido de ser feita por cada pessoa ou família de forma voluntária. Existem pontos espalhados pelas cidades e desde cedo as crianças são educadas a ter essa consciência. Existem várias campanhas de conscientização com objetivo de sensibilizar a população para a importância da reciclagem e hoje cada pessoa tende a fazê-la diretamente desde casa ou dos locais de trabalho.

De acordo com Manzini (2008), no Japão o Ministério do Meio Ambiente, criou um Manual de instrução para a reciclagem do lixo. Ao que se apresenta, o governo considerou 2 (duas) importantes questões: seu pequeno espaço territorial e o reaproveitamento de matéria prima para diminuição a importação.

Enquanto no Brasil ainda são poucos os que pensam duas vezes antes de colocar uma garrafa PET no lixo, no Japão, reciclar é obrigatório e complicado. Os japoneses aprendem a separar o lixo desde pequenos. Lá, cada prefeitura decide quantas categorias de lixo terá, e são ao menos cinco: de materiais incineráveis, não-incineráveis, garrafas PET, latas de metal e alumínio e vidros. [...] Na cidade de Yokohama, é preciso lavar o interior, amassar e colocar em um saco plástico semitransparente, antes de deixar para a coleta. Rótulo e tampinha vão em um segundo saco, destinado a peças plásticas pequenas. Livrar-se de uma prateleira é muito pior. Se ela for de madeira e medir menos de 50 centímetros, entra na categoria de incineráveis. [...] Em Okinawa o sistema de coleta de lixo funciona por causa da "cultura de reciclagem" [...]. A reciclagem minuciosa é necessária porque, no Japão, "falta espaço para tudo". Com o detalhamento dos materiais recicláveis, o Japão, que importa quase toda sua matéria-prima, pode reutilizá-la em vez de importá-la novamente, em sua totalidade. Outra vantagem é a potencialização da incineração. Com a incineração, o volume de lixo gerado diminui, e os poucos aterros sanitários existentes duram muito mais.

Figura 9 – Contêiner seletivo distribuídos em espaços públicos no Japão.



Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br>

No Brasil a reciclagem é feita, a maioria das vezes, por catador avulso, que faz um trabalho individual. Já em festas populares, grupos de familiares saem a catar garrafas e latas.

Junto ao catador tive oportunidade de observar que ele vai realmente passar e “catar” tudo que é desperdiçado. É muito vulgar ver pessoas atirar lata ou a garrafa pet que acabaram de beber para o chão. Perguntei a várias pessoas porque

se descartavam assim dos resíduos do seu consumo ao que me responderam: “o catador vai recolher quando passar”. Esta situação de deixar sempre a responsabilidade para o outro, é assustadora, reflete falta de educação social e de civismo.

Entristeceu saber que o resultado do esforço dia-a-dia é muito mal pago e reconhecido.

Realizei um levantamento do preço por material num depósito na cidade baixa, obtendo os seguintes valores de venda: garrafas Pet 0,50reais/kg, Papel Branco 0,17reais/kg, Plástico Cristal 0,40 reais/kg, papelão 0,12 reais/kg, plástico duro 0,50reais/kg, papel misto 0,05 reais/kg, unidade de garrafa de vidro de cerveja 0,75l 0,35reais/kg, latas 1,60 reais/kg, cobre 8 reais/kg, metais diversos 4 reais/kg. (Figura 10).

Figura 10 – Catador de Latinhas
Fotografia: Nelly Lemos



Fonte: <http://www.inovativo.net/2011/03/o-catador-de-latinhas.html>

Catadores de lata transformam o Brasil no líder de reciclagem no mundo. O Brasil pode tornar-se líder em reciclagem de alumínio, alcançando o Japão, onde a tecnologia no reaproveitamento do lixo poupa dinheiro e energia. Mas os brasileiros têm outros motivos para reciclar: a sujeira e a pobreza. Informações da agência Associated Press revelam que a porcentagem de latas de alumínio recicladas no Brasil em 2000 – apenas dez anos depois do aparecimento dessas latas no país – foi de 80%, um recorde entre os países mais populosos do mundo. O Japão reciclou 79% no ano anterior. O alto índice de reaproveitamento foi provocado pelo desemprego e pela pobreza, que forçou os moradores de rua a adotar a coleta das latas como profissão. A atividade é comum em cidades de todo o país e já reúne uma verdadeira legião de catadores. O carioca Luiz Carlos Carola foi entrevistado pela agência e revelou que mudou de vida quando começou a pegar latas, há três anos. Na época, ele não tinha casa. Agora, com rendimento mensal de 260 reais, já tem onde morar e até passa os finais de semana numa praia fora do Rio. "Enquanto tiver gente sem educação aqui, vou viver bem", disse. Os banhistas das praias onde Carola trabalha não hesitam em deixar para trás pilhas de lixo. Desde sua chegada ao mercado, em 1990, a produção de latas de alumínio cresceu 3.000%. Em 2000 foram produzidos 9,5 bilhões de latas. A reciclagem delas tornou-se uma indústria de 110 milhões de dólares por ano e emprega 150 mil pessoas, segundo dados da Associação Brasileira de Alumínio. (BRASIL, 2001, p.326).

De acordo com este texto pode-se observar que, enquanto a população for carente de educação ambiental e cívica, e as políticas de incentivo ao consumo fácil continuarem, a sociedade capitalista contemporânea vai assistir o desenvolvimento de múltiplas explorações. Os catadores, da forma como os conhecemos hoje, vão continuar a atravessar a cidade em busca dos despojos irresponsáveis de uma população inteira. É verdade que o número da reciclagem no Brasil é muito positivo. Mas a questão que se coloca aqui é a forma como esses números são obtidos. Graças à miséria e à necessidade de sobrevivência de uma massa de pobres e miseráveis.

A reciclagem dos resíduos sólidos urbanos como prática de economia solidária, segundo depoimento de Barbosa (2010, p.7-8).

[...] em uma cooperativa de lixo verifiquei que a forma de gestão em cooperativa havia possibilitado certeza de renda mensal (em torno de R\$ 400,00) e equipamentos de segurança – o que interessava em especial às mulheres e aos mais idosos – todavia, eram todos residentes em lugares insalubres nas redondezas do lixão e com baixa escolaridade. Por outro lado, que é preciso pensar também no espaço da cidade e da moradia

como espaço de trabalho o que implica em contar com equipamentos urbanos adequados a esse fim em especial para trabalhadores desgarrados da forma emprego que precisam então de iluminação, água, transporte, creche e assessoria também para o trabalho no espaço que antes era só para moradia.

Barbosa (2010) apresenta desvantagem e vantagem, num planejamento de reciclagem dos resíduos sólidos. São elas:

As desvantagens:

A inexistência de direitos publicamente assegurados, apesar dos esforços de governos e entidades envolvidas para normatizá-los; dificuldade econômica; a ação cooperativa não cobre uma série de necessidades de reprodução social do trabalhador como: atendimento à saúde, o trabalhador não recebe o vale transporte, não têm direito ao seguro desemprego entre outros; baixo índice de conhecimento sobre corporativismo.

As vantagens:

Alternativa atual ao desemprego; constituição de algum pequeno empreendimento; possibilidade de renda mensal para o trabalhador; novo modelo de gestão proposto sob o ponto de vista ambiental, social e econômico; valorização da força de trabalho; estabelecimento de vínculos de cooperação e de produção entre o grupo; inserção dos catadores individuais na cadeia produtiva da reciclagem do lixo. parcerias com Prefeituras Municipais; redução do volume de lixo para disposição final em aterros e incineradores; reutilização; reciclagem e outras formas de valorização desses resíduos; prevenção de riscos ambientais; educação ambiental.

A cidade movimenta-se... Pessoas, carros, motos, caminhões, mercadorias que se trocam de mão em mão a cada instante; é uns fluxos e refluxos de acontecimentos. Caminhos que se cruzam numa agitação sem fim.

A cidade fervilha dentro de uma rede de comunicações de todos os tipos.

No meio deste frenesi de acontecimentos existem pessoas que todos os dias atravessam a cidade em diagonal procurando os resíduos que são aproveitados para a reciclagem. São como guerreiros ambientais. Todos os dias limpam “cidade dos desperdícios”. São pessoas que por alguma razão tiveram de se dedicar ao ramo da reciclagem. Com uma dignidade inacreditável vão sem saber alimentando a

injustiça, provocada pelas indústrias do consumo de massas. A saúde da cidade hoje é dependente dos catadores avulsos, visto que as empresas municipais não tem capacidade de coletar todo o lixo produzido pela urbe diariamente.

As sociedades que se formam a partir do desperdício das outras e que fazem parte da mesma e voltam ao princípio do ciclo porque também tem necessidade de consumir. Somos consumidos por aquilo que consumimos. Às vezes parece que ninguém pensa nisto, o mais fantástico é que a sociedade tem consciência dos fatos, mas não se importa é como algo natural e irreversível. O homem é incapaz de inverter a máquina que o destrói, devido ao simples fato de querer todo o conforto dispensável.

2.2.2 O cotidiano informativo efêmero e (a construção do desperdício)

Todos os dias somos 'bombardeados' por imagens e informação, e todos os dias essas mesmas imagens mudam, dando espaço a novas representações. Seja ela de propaganda publicitária, informação noticiosa etc. Os vários tipos de comunicação visual dominam todo o cenário urbano, em outdoors em jornais, revistas, panfletos, propagandas e outros. Tais imagens são substituídas por novas, por um curto período, dando lugar mais e mais a propagandas, que estimulam a população em geral aos múltiplos assuntos e criando poluição visual.

A imagem comercial mata toda a essência das "coisas". Certas imagens manipulam o indivíduo e incentivam o consumo. Esse consumo leva a população ao inconsciente desperdício, abrindo possibilidades dos catadores aproveitarem esses desperdícios para ganhar a vida.

Na sociedade atual os questionamentos poético-filosóficos estão a ser postos de lado e trocados pela sedução do marketing. Mas a verdadeira imagem que perdura no tempo é a imagem poética. Pois ela tem objetivos bem mais universais e intemporais do que as imagens que nos bombardeiam quotidianamente.

Em diálogo com a visão de Bachelard (1972), compreendo o significado da imagem poética, que é o que me interessa enquanto artista plástico inserido na cidade de Salvador.

A imagem poética não está sujeita a um impulso. Não é o eco do passado. É antes o inverso: com a explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa de ecos e já não vemos em que profundezas esses ecos vão repercutir e morrer. Em sua novidade, em sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio. Procede de uma ontologia direta. É com essa ontologia que desejamos trabalhar. (BACHELARD, 1972, p. 5)

A ontologia que trata questões ligadas ao “conhecimento do ser” da natureza do ser, da realidade e do “ser enquanto ser”.

Numa perspectiva de igualdade entre ricos e pobres. Encontro uma mesma essência humana para tratar. Um problema que diz respeito a todos o lixo. Problema que atravessa todas as classes sociais.

O lixo é um lugar comum, quero com isto dizer que o lixo é a grande festa do descarte irresponsável de toda a sociedade. No lixo encontram-se representadas por desperdícios todas as classes sociais. O pacote de leite comprado na *Perinni* compartilha espaço com a lata de cerveja bebida na noite passada numa festa qualquer. A caixa de papelão que trazia vestidos importados da Europa ganha mofo ao lado da caixa de papelão que trazia vestidos baratos da china. Entre eles folhas de papel de revista que esteve na mesa de corredor de alguma clínica privada, misturadas com folhas do jornal desportivo perdido pela Praça Castro Alves. Este encontro de desperdícios é na realidade sinônimo de igualdade. E deixa todas as classes sociais num mesmo patamar. Não existe lixão dos ricos nem dos pobres. Existe antes um lixão comum. Os catadores não ligam se a caixa de papelão é de uma marca cara ou barata, ela tem o mesmo valor de mercado quando pesadas nas balanças das associações de catadores. As marcas são substituídas pelo peso, aí então, tudo fica em pé de igualdade. Arrisco em dizer que o lixo é o local mais democrático do mundo onde tudo tem o mesmo peso e medida.

O catador ao atravessar a cidade vai agrupando tudo que encontra pelo caminho e em processo mecânico repetitivo. Ao acompanhar alguns catadores em seus percursos fui observando os vários lugares por onde passamos. Desde bairros de classe média, alta até aos bairros mais degradados e pobres. A carga de materiais no carrinho foi ao longo do percurso aumentando continuamente até chegar a um ponto que não era possível carregar mais. Tanto pelo peso como

também pelo volume que o catador tinha que empilhar de forma a não cair tudo no chão.

3 ARTE E SOCIEDADE NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

A sociologia da arte delineia um caminho pelo meio dos conflitos sociais e políticos, da discriminação e das dinâmicas as quais a arte absorve na contemporaneidade, e ao mesmo tempo desvenda o que exprime a investigação sociológica no domínio artístico. Na pós-modernidade, a arte torna-se 'fabrica de sentidos', laboratório da sociedade civil, lugar onde a memória coletiva, define socialmente as identidades de gênero, as origens das técnicas e as diferentes classes sociais.

Para a sociologia a arte não é apenas coleta de elementos, mas antes uma conjuntura de ações e coisas que enriquecem a visão da contemporaneidade e dão pistas muitas vezes com imprevisíveis significados que nos dão uma melhor compreensão do mundo.

Se por um lado a sociedade constrói a arte, por outro a arte constrói a sociedade, por meio de fragmentos individuais e coletivos de memória. E dessa forma o presente é posto em causa pelo passado, numa rede de significações e ressignificações que usa para legitimar o conhecimento. Sendo assim todos os tipos de trabalhos artísticos tornam-se pedaços de matéria simbólica que produzem conhecimento e explicam muita coisa sobre a história das sociedades.

É impossível separar a vida dos artistas e as suas obras. As obras refletem a forma de observar o mundo. E assim é possível compreender a história do mundo pela história dos artistas nos seus percursos. O fator social esta sempre presente nas obras artísticas, pelo fato de estes agentes de criação fazerem parte da sociedade e estarem ligadas umbilicalmente as suas criações. Sempre de forma subjetiva, pois a realidade é sempre alterada consoante a imaginação de cada qual. Portanto, a criação tem muito mais de real no sentido de percepção, mesmo sendo subjetiva, existe o intrínseco fator do meio que envolve o criador de imagem.

É neste ponto que quero chegar. A história da humanidade pode ser contada pela história da arte e assim nos acercarmos à importância da sociologia da arte na compreensão do mundo. Por exemplo, ao observarmos as pinturas de Goya podemos sentir o sentimento de época de uma forma documental. Na figura 11

assisti-se ao Massacre do Dia Três de Maio de 1808.

Esta tela é representativa de um marco histórico num momento da história de Espanha. E ao mesmo tempo leva-nos a refletir sobre inúmeros massacres em que inocentes são mortos por esse mundo fora até aos dias de hoje. É neste ponto que o meu trabalho pode também estar inserido. Na documentação visual imaginária do local que me insiro. Neste caso Salvador. Esta documentação visual parte da experiência concreta no local em que me coloco. Por isso não consigo dissociar os aspectos sociais da minha produção artística visual. Goya provavelmente não esteve presente neste massacre, mas sabia que ele tinha acontecido e dessa forma retratou um fato real pelo seu próprio imaginário.

Figura 11 – *The Shootings of May Third*, Goya, 1808 – 1814.
Técnica: Oleo s/ tela.
Dimensão: 104 x 136



Fonte: Museo del Prado, Madrid

A possibilidade da criação plástica inspirada no real leva-nos a tentar compreender também as posições dos artistas em relação a determinado tema. Quando Picasso pinta a *Guernica*, retrata o dia 26 de abril de 1937 quando aviões alemães bombardearam Guernica no norte de Espanha cidade habitada quase

exclusivamente por mulheres crianças e anciões (os homens estavam na frente de guerra), sendo o primeiro grande massacre de civis numa guerra na época contemporânea. O quadro reflete um protesto contra este acontecimento, um grito na parede contra a brutalidade do bombardeamento (Figura 12). Desta forma Picasso consegue exprimir todo sentimento de um povo inteiro contra a injustiça. A dado momento quando soldados de Francisco Franco (ditador do regime franquista) o perseguia e o prendera, perguntaram-lhe se havia sido ele a pintar *Guernica* ao que a resposta foi “não, foram vocês”. (Pablo Picasso sobre *Guernica*, 1940).

Figura 12 – *Guernica* 1937, Pablo Picasso (1881-1973) óleo s/tela
Dimensão: 3,51x 7,82m



Fonte: Museu Nacional Centro Reina Sofia

Com o exemplo destes significativos trabalhos são por si só reflexo de épocas na história, que por um lado albergam em si os sentimentos presentes dos artistas quando, por exemplo, Picasso diz “A pintura não é feita para decorar os apartamentos. É um instrumento de guerra ofensiva e defensiva contra o inimigo.” Pablo Picasso sobre *Guernica*, 1940.

Neste contexto pretendo ligar estes trabalhos a fatores econômicos sociais na problemática dos catadores de rua e a exposição dos seus problemas é um fator determinante para desenvolver este trabalho teórico prático. Procuro compreender as implicações do todo social no aparecimento da atividade dos catadores de materiais recicláveis. E não separar a atividade da realidade que a fez

aparecer na nossa sociedade. Os fatores que levam homens e mulheres crianças e velhos a procurar no lixo a sua forma de sustento. Como também a economia de consumo em que se tornaram as nossas sociedades atuais. O descarte fácil do que já não interessa e a busca insaciável pelo novo e moderno. Todos os dias aparecem anúncios novos a incentivar o consumo de “coisas” mostrando que o antigo é já obsoleto. Estes falsos anúncios de felicidade “ali e agora para comprar”, não são mais do que falsidades para tentar as pessoas a consumir mais e mais. Sem noção do desperdício que provocam, alimentando a indústria. É um contraste que ao nível visual as pessoas estão habituadas a ver.

Não se pode isolar o indivíduo e sua produção do ambiente sociocultural e histórico no qual suas ações ocorrem. Essa concepção de criatividade como um processo individual e um produto social.

As possibilidades de uma Sociologia da Arte conduz à exposição do problema da situação do escritor, e de outros criadores, na sociedade. Esse problema não concerne apenas à questão de saber como os homens ocuparam seus lazeres. Preciso afirmar que há quinhentos anos os livros (a filosofia, a ficção) tornaram-se, a mais necessária forma de testemunho e de precogitação (precognição), em todas as sociedades civilizadas do planeta.

[...]

Os elementos essenciais de uma obra existem na consciência individual e na memória coletiva do criador nas artes, nas gerações anônimas, passadas, que fizeram a História da Arte, nas gerações presentes que estão criando uma memória, e existirão enquanto valor de referência, nas gerações futuras. Todas essas gerações foram, são e serão usuárias dessa mesma realidade social unificada pela Arte. O real e o imaginário são elementos de uma mesma intenção plástica, estética, que associa os mais diversos lugares e tempos heterogêneos, as mais diversas emoções e sentimentos, os mais diversos falares e sentires, que estiveram, estão e estarão presentes nos devires humanos. (GOODNEWS, 2011).

Figura 13 – Carrinho de catador na área da Barra Salvador, Bahia.
Fotografia: João Aires, 2011.



Fonte: Acervo fotográfico do autor.

A luta pelo direito às diferenças sempre esteve presente na história da humanidade e sempre esteve relacionada com a luta de grupos e movimentos sociais. "Deles decorre a iniciativa de constituir práticas amenizadoras do não-assalariamento para subsistência de trabalhadores desempregados, iniciativa que, na parte latina das Américas, recebeu o nome de economia solidária" (BARBOSA, 2007, p.21).

Hoje, com a redução dos postos de trabalho nas grandes empresas, o emprego padrão de tempo integral declinou e, como há mais pessoas sem emprego fixo que trabalham de maneira temporária ou eventual. Neste sentido, Buarque (1996) afirma que será necessária a solidariedade, em cada sociedade e entre as gerações, de modo a configurar um novo modelo de desenvolvimento. Ressalta que a ética da solidariedade passa necessariamente por um longo caminho mediado por escolhas políticas e pelas condições complexas da realidade e seus conflitos internos. Dentro dessa lógica, o autor define desenvolvimento sustentável de uma forma mais operacional como sendo:

O processo de mudança social e elevação das oportunidades da sociedade, compatibilizando, no tempo e no espaço, o crescimento e a eficiência econômica, a conservação ambiental, a qualidade de vida e a equidade social, partindo de um claro compromisso com o futuro e com a solidariedade entre as gerações (BUARQUE, 1996, p. 15).

Um dos desafios para o projeto de desenvolvimento sustentável do município de Salvador, Bahia é o crescimento econômico com a inclusão social, gerenciamento integrado dos resíduos sólidos urbanos e reciclagem.

Baseado na metodologia de Nicolesco (2000) das inter-relações no mundo e na vida, Zaneti (2003) interpreta o estudo sobre três pilares: reconhecimento de vários níveis de realidade; a complexidade do mundo e a lógica do terceiro incluído.

O primeiro pilar diz-nos que a realidade deve ser compreendida no seu todo tendo em conta os vários níveis que dizem respeito às partes. No caso específico da gestão dos resíduos observa-se níveis de realidade diferentes. Por um lado a riqueza o consumo o descarte e o desperdício. Por outro a miséria a inclusão perversa de um grupo de atores sociais (catadores de lixo de rua) que ainda vivem à margem do sistema. [...] O segundo pilar, a complexidade, está presente na natureza da vida e das coisas. [...] no caso de estudo, os resíduos, uma verdadeira integração implica em circularidade e retroalimentação do sistema de gestão, com mecanismos de correção dos desvios e atenção às novas emergências surgidas no processo de desenvolvimento [...] o terceiro pilar: “a lógica do terceiro incluído não abole a lógica do terceiro excluído: ela apenas limita sua área de validade. [...] Em relação ao sistema de gestão de resíduos podemos identificar a relação sistêmica entre os atores sociais como o “terceiro incluído” neste processo registrando os seus diferentes olhares e funções: a) Poder Público que exerce a função de regulação

e gerenciamento; b) os operadores que realizam a triagem dos resíduos nas unidades de triagem e os catadores independentes que recolhem os resíduos nas ruas; c) a população que realiza a primeira triagem do processo de coleta seletiva nas unidades domiciliares e , d) as empresas recicladores e os intermediários, que trabalham na compra e na venda de resíduos para reciclagem e industrialização. Para que este sistema seja eficaz a relação entre os atores é fundamental e elas se dão através das parcerias estabelecidas entre eles, através da continuidade da política da gestão de resíduos. (ZANETI, 2003, p.2-3).

Dentro desse contexto, a democracia e a participação dos atores sociais, representam objetivos fundamentais a serem perseguidos pelo desenvolvimento sustentável. O fortalecimento de parcerias pode ser uma resposta positiva ao apoio à iniciativas de auto-emprego no chamado empreendedorismo popular.

3.1 VIVÊNCIAS EXPERIMENTAÇÃO E PESQUISA ESTÉTICA

Tenho vivido por dentro a realidade dos catadores. Uma fonte de inspiração que me leva ao desenvolvimento da minha pesquisa. Como me referi anteriormente era muito importante viver pessoalmente esta experiência para poder realmente falar sobre ela.

Conheci muitos catadores. Percorri os seus trajetos sentei-me em vários ferros-velho apenas observando as movimentações. Assisti à troca dos vários materiais por dinheiro. Disputas por materiais encontrados, tentativas de enganar o coletor de matérias, revolta e muita miséria. Estabelecendo um paralelo com o tempo da escravatura, hoje, grande parcela da população de catadores são escravos do *crack* e vivem no submundo da droga. É na realidade uma disputa pela sobrevivência que lembra a idade média.

Naqueles lugares na área Comercio (Cidade Baixa) assisti à degradação da vida humana no seu apogeu. Vi pessoas trocando sacos gigantes de garrafas pet por míseros reais. Pessoas imundas que se confundiam com o próprio lixo que transportavam. Observei atentamente os processos de cada catador que á porta dos depósitos separavam e arrumavam por partes tudo o que tinham coletado, para venderem ao proprietário no instante seguinte.

Proprietários que tem a noção do mal que causam ao alimentarem este vício. Pois a maior parte dos catadores faz este trabalho para sustentar as suas dependências. Vi pessoas sujas num estado de degradação humana a um nível extremo. É para mim extremamente doloroso psicologicamente assistir a esta a realidade, que me submeti ao longo deste trabalho. É como trabalhar nos limites, da minha capacidade para estar nestes locais a fazer investigação. Os limites do espírito para agüentar a pressão e os limites do corpo sujeito a tudo o que pode acontecer. Pois eu não passo despercebido ali e submeto-me a todo tipo de reações. Já me agarraram, empurraram e questionaram-me. Sentem-se de certa forma incomodados com a minha presença o que é arrepiante por vezes. Mas não é por isso que eu desisti e continuei a ir observar.

Figura 14 – Galpão de recolha de plásticos variados
Fotografia: João Aires, 2011



Fonte: Acervo fotográfico do autor

Um dia estava a fotografar à noite na Av. Sete de Setembro e fui insultado e perseguido por dois catadores. Eu parei e falei com eles. Expliquei que era artista plástico e estava a fotografar o lixo, com o objetivo de fazer ver as pessoas os problemas causados pelo consumo desmesurado. Eles acharam interessante por incrível que pareça e deixaram-me ir embora.

A minha presença nesses locais, não passa despercebida. Todos os catadores que se cruzam comigo no ferro-velho ficam curiosos quanto a minha presença ali uns fogem de mim outros aproximam-se. Os donos dos depósitos acolheram-me a ter alguns cuidados e tentaram mostrar-me um pouco do seu quotidiano. Também eles perplexos em relação à minha coragem de estar ali com eles àquelas horas. O estranhamento da descontextualização de uma pessoa num lugar. Porém, aos poucos fui ganhando confiança, e como consequência, aproximação do meu objeto de estudo e a superação da contradição pesquisador/pesquisado. Tive oportunidade de ouvi-los expressando as suas angústias, sentimentos, em relação a cada catador e a vida que levam. Dia após dia.

Observei que a cada instante aparecem catadores apressados para receber o dinheiro correspondente a cada coleta, e rapidamente desapareciam. Muitos deles voltavam algum tempo depois com mais materiais, e de centavo a centavo juntavam dinheiro para mais uma dose. Pelo que me referiu o dono do depósito a maior parte dos catadores são usuários de *crack*. O que torna o ambiente muito pesado. De um peso tal, que muitas vezes me causava um mal estar e uma angústia doentia. Mas, com o tempo, comecei a ultrapassar esses sentimentos 'vesti uma capa protetora' e a minha pesquisa começou a ganhar forma. O método de pesquisa artística começou a desenvolver-se. Não posso resumir o meu processo de trabalho a um desenho ou uma instalação, é uma necessidade interior de encontrar a melhor forma de exprimir as emoções da experiência vivida no mundo que estou inserido.

As preocupações sobre este contexto real e concreto me tocaram ao longo desta investigação. As idéias para conceber a obra variam consoantes as necessidades que tenho. Posso dizer que comecei pela observação participante, pois foi através destes estados vivenciados que cheguei ao limite das minhas sensações estéticas ou mesmo antiestéticas, de uma contra-arte e um possível contra-método.

Depois de ter visitado lixões e ferros-velho na cidade baixa (Figura 15). Tive oportunidade de conhecer um centro de triagem e armazenamento de resíduos sólidos na zona da Calçada na cidade baixa em Salvador. Esta cooperativa chama-se Cooperativa de Coleta Seletiva, Processamento de Plástico e Proteção Ambiental (Camapet) e tem uma história de resistência e trabalho em prol da valorização do indivíduo.

Figura15 – Catador no Comércio, Cidade Baixa, Salvador, Bahia.
Fotografia: João Aires, 2011.



Fonte: Acervo fotográfico do autor

Segundo Moema Souza (2007), ao falar sobre a importância dos projetos sociais como a Camapet, onde as pessoas se associam para produzir reproduzir meios de vida segundo relações de reciprocidade, igualdade e democracia. Seus integrantes buscam fortalecer o sentimento de identidade grupal, tem papel relevante na ressignificação de empreendimentos econômicos solidários na Bahia, bem como na ação de preservação do meio ambiente

Projetos sociais podem parecer sistemas frágeis e situados no lugar comum em corporações ocidentais, mas a verdade é que eles constituem importantes ferramentas de resgate à cidadania, inclusão de jovens no mercado de trabalho, geração de renda e mudança comportamental, tanto para os seus envolvidos, quanto para o restante da sociedade. Um exemplo real, que tem dado certo é o [Camapet](#) – Cooperativa de Coleta Seletiva, Processamento de Plástico e Proteção Ambiental. Nascido em 1999, a partir de uma ação do [CAMA](#) – Centro de Artes e Meio Ambiente, com a necessidade de entender as questões ambientais e melhorar a qualidade de vida dentro da comunidade de Alagados, trinta jovens e adolescentes, formados em um curso de seis meses, enviaram ao Ceará dois dos seus agentes ambientais para buscarem embasamento teórico sobre cooperativismo, reciclagem de resíduos sólidos, impacto ambiental. Encaminhado para o Governo Estadual, recebeu apoio financeiro durante um ano. Até 2003, a sede inicial do Camapet localizava-se em Alagados, onde os moradores jogavam no mar, os resíduos sólidos. Já em 2004, ficava próxima à Delegacia de Furtos e Roubos e o aluguel custava 1.5 mil reais. Sem condições para continuar pagando o valor cobrado mensalmente os fundadores do Camapet passaram a ocupar o Galpão Leste, na Calçada; local sempre denunciado pela população como abrigo de assaltantes e usuários de drogas. Juntamente à rede [Cammpi](#) – Comissão de Articulação e Mobilização dos Moradores da Península de Itapagipe, formada por 48 organizações locais (entre associações, ONG's, grupos culturais, escolas, creches) e pensando no desenvolvimento da comunidade, o Camapet busca judicialmente, o direito da ocupação do Armazém 1, que faz parte da antiga malha ferroviária e pertencida à Rede Ferroviária Federal. Atualmente, o armazém está sob o poder do Patrimônio da União e a espera por um comodato, que garanta a ocupação dos galpões, já dura três anos. Até 2004 o projeto abrangia somente a área itapagipana da cidade, hoje cobre diversos bairros como, Canela, Barra, Federação, Patamares. A coleta seletiva é feita de porta em porta nos locais mais próximos à sede. Nos outros bairros há um trabalho de remanejamento, onde o Camapet direciona a coleta para outras cooperativas que fazem parte da CCR – Complexo Cooperativo de Reciclagem. Uma rede de cooperativas junto a outras parcerias, as quais visam maior qualificação do trabalho e o fortalecimento de suas comunidades.

A primeira vez que conheci o projeto da Camapet fiquei admirado com a quantidade de pessoas envolvidas diretamente (cerca de 25), e muitas mais indiretamente. Também me impressionou a quantidade de lixo que vi acumulado nos galpões. Dentro destes galpões encontrei um mundo em pedaços. Ali o lixo separado por categorias, papel branco, papel colorido, papelão, alumínio, garrafas pet etc. (Figura 16).

Figura 16 – Galpão de coleta seletiva da Camapet
Fotografia: João Aires, 2011



Fonte: Acervo fotográfico do autor

Nestes galpões encontrei também os *big bag`s*, sacos gigantes que transportam em seu interior os variados plásticos já selecionados (Figura 17).

Figura 17 – Transportando *Big bag`s*
Fotografia: João Aires 2011



Fonte: Acervo fotográfico do autor

A sua forma dos big bag's e dimensões causam impacto visual pela proporção relativamente ao ser humano (Figura 18 e 19). Quando os vi pela primeira vez fiquei impressionado com a quantidade de material que era depositado nos galpões. Encontrei nestes sacos um bom elemento para explorar a nível sígnico tanto nas pinturas e desenhos como a nível da instalação. Então ao encontrar neste elemento a gênese da problemática que exploro a nível simbólico e estético.

Figura 18 – *Big bag's I*
Fotografia: João Aires 2011



Fonte: Acervo fotográfico do autor

Figura 19 – *Big Bag's II*
Fotografia: João Aires 2011



Fonte: Acervo fotográfico do autor

Essa visão me levou rapidamente a pensar formas de cooperação e de troca com a cooperativa. Mecanismos esses que não só contemplassem a execução do meu trabalho como também que de certa forma ajudassem a cooperativa na divulgação de seus propósitos.

Reuni-me com os responsáveis da Cooperativa para compreender o projeto da Camapet e apresentar-lhes o meu projeto, identificando os pontos onde estes dois projetos se encontram. Expliquei que a desenvolvo uma pesquisa em Arte sobre Catadores de lixo e o desperdício em Salvador, e tenho como objetivo criar uma exposição na Galeria Canizares que deixe explícitas as problemáticas do lixo e do desperdício.

No fundo eu quero confrontar quem vem á exposição com a quantidade de lixo acumulado todos os dias na cidade e questionar a população para estas problemáticas sociais.

Posto estes termos a Camapet, pediu-me que durante este tempo eu pudesse ajudar a criar novas idéias para a Camapet Biju para que juntos e a partir do cooperativismo consigamos alguns objetivos práticos. Neste contexto ajudei a montar um evento com fins lucrativos em prol da Camapet em conjunto com a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) e a Lucron, site *online* de compras coletivas apresentar-se-ia a nova coleção de bijuterias feitas por cooperados da Camapet. As peças foram apresentadas ao estilo de uma passagem de modelos, mas sendo esses modelos pessoas comuns; pessoas com alguma deficiência física, e claro os cooperados da Camapet (Figura 20).

É impressionante o que se pode fazer aproveitando o lixo depositado. Quem olha para aqueles *Big Bag's* e encontra lixo não imagina que com aquele mesmo material se pode construir algo belo e aproveitado. Aqueles sacos remetem me também para sacos de trigo ou milho que alimentam o espírito e a alma. A força de vontade faz milagres como transformar lixo em comida.

Figura 20 – Evento cooperativo com Camapet
Fotografia: João Aires 2011



Fonte: Acervo fotográfico do autor

Durante o tempo que freqüentei a Camapet aconteceu algo que me impressionou e tocou bastante que não posso deixar de referir: numa manhã como qualquer outra, entrei num galpão. Nesse galpão, encontrei um barraco de madeira, crianças descalças brincando, galinhas, um cão, e uma mulher vestida de branco passando a roupa a ferro.

Esta poderia ser uma imagem de uma roça qualquer no meio de um campo, mas não. Esta casa estava no meio do lixo, rodeada de materiais perigosos cortantes, com um cheiro quase impossível de respirar. Crianças brincavam na sua inocência com tudo que os rodeava, a mãe estava ali passando a ferro como quem passa a ferro em casa abstraída da sua própria realidade (Figura 21).

Esta imagem mostra verdadeiramente o abandono da população pelos governos. E o descaso social para a realidade de tantos brasileiros.

Figura 21 – “Uma casa uma família” num galpão
Fotografia: João Aires 2011



Fonte: Acervo fotográfico do autor.

A minha vontade de mudar as coisas não chega, tem de haver uma vontade política e um esforço de toda a população. É importante que as vontades convirjam realmente. Não vale a pena falar sobre os problemas se não houver ações concretas de mudança comportamental de todos. Pois somos todos responsáveis pois isto. É muito fácil fechar os olhos e deixar as coisas acontecer. Muito mais difícil vai ser viver com as conseqüências resultado do abandono destas pessoas.

Partindo desse princípio, aproximo as minhas intervenções com a obra de Joseph Beuys, pelo seu caráter político, humano e, sobretudo performático, adoto-o como base fundamental do meu pensar e da minha arte. A partir desse contexto, mergulho na escultura social do lixo e da desgraça humana que encontrei tristemente nesta bela cidade, para discutir estes aspectos. Apresento em seguida algumas reflexões sobre a escultura Social de Joseph Beuys, e ligações concretas à minha pesquisa.

3.2 CONCEITO DE ESCULTURA SOCIAL

Quem conhece a obra de Beuys muitas vezes não tem noção do contexto em que foram criadas suas obras muitas vezes apresentadas como objetos e “coisas”, elas não passam de cadáveres das ações do autor. As suas obras são apenas pretextos para o debate e seminários sobre os temas que representa o trabalho.

A obra de arte não vive sem o artista ele é o centro da idéia que pretende atingir com as ações. Logo tudo que deixa são apontamentos para uma melhor explicação e diálogo. Todos têm oportunidade de participar na obra de arte. E o objetivo não é criar coisas que contentem materialistas, mas sim criar o pensamento as idéias que transformam o contexto e o sentido da obra de arte, como também as mentalidades fechadas abrindo-as num contínuo diálogo. Logo, com Beuys apaga-se a idéia de artista fazedor de coisas e de imagens retinianas para ir mais além, o artista decifrador da condição humana, o artista que pensa a obra de arte como escultura já no pensamento. Em entrevista a Franz Hak (1979), Beuys diz:

[...] nem todo homem é capaz de pintar ou esculpir, mas todo homem é capaz de criar. Pensamento este contra os modelos institucionalizados dos museus, e considera que "a criatividade não é

monopólio das artes. [...] Quando eu digo que toda a gente é artista eu quero dizer que cada um pode concentrar a sua vida nessa perspectiva: pode cultivar a artisticidade tanto na pintura como na música, na técnica, na cura de doenças, na economia ou em qualquer outro domínio... A nossa idéia cultural é muitas vezes redutora. O dilema dos museus e das instituições culturais é que limitam o campo da arte, isolando-a numa torre de marfim [...]. O nosso conceito de arte deve ser universal, terá que ter uma natureza interdisciplinar com um conceito novo de arte e ciência.

Portanto o artista é o Homem aquele que pensa e é capaz de criar alguma coisa. A criatividade e a atitude são importantes para a idéia de escultura pensamento. Todos aqueles que acreditam em algo e o transmitem e o discutem, estão nesse momento a criar:

A arte não reside no resultado material saído do processo artístico; na tela ou na escultura, mas na tomada de consciência do potencial criador que se manifesta nessa ocasião. A atenção deve afastar-se do objeto, para se encontrar sobre a atividade interior da alma durante o ato criador (BEUYS, 1991 apud RODRIGUES, s.d., p.1).

A obra de Beuys é o quotidiano acessível a todas as pessoas, num processo continuo de obra aberta e a capacidade de mudar mentalidades em relação ao material e o imaterial e para a todos os imaginários que na participação no debate e na ação solidária vão criando a mudança numa gigantesca escultura social. O artista usa a gordura como um material chave da escultura social. Ela é flexível, encontra-se ou sólida ou líquida conforme a sua condição de ambiente, ela é também moldável.

Na performance “Como Explicar Desenhos a Uma Lebre Morta” (1965), figura 22, Beuys podia ser visto através do vidro da galeria. A sua cabeça estava coberta de mel e de folhas de ouro, na sola de uma bota esta presa uma placa de metal, à outra um pedaço de feltro. Durante a performance Beuys vai murmurando à lebre morta no seu colo explicações sobre os desenhos expostos nas paredes circundantes. Esta ação remete-nos para questões como: o que é a arte e para que serve.

Figura 22 – “*Como explicar desenhos a uma lebre morta*”
Autor: Joseph Beuys, 1965.



Fonte:http://pt.wikipedia.org/wiki/joseph_beuys

É incrível como este autor consegue uma aproximação tão concreta da vida a partir de suas ações e suas esculturas sociais. São atitudes de mudança e de demonstração de como se podem mudar mentalidades e atitudes em relação a vida, num contínuo diálogo entre os seres pensantes e criativos.

Ele não tem uma visão hermética, mas cria as relações entre o todo o macrocosmo e microcosmo juntos num diálogo evolucionário. Questionando os paradigmas dos fechados e enigmáticos das obras pós-modernas, para alegrar materialistas, retinianos, ecléticos da sociedade Européia e Americana.

O mundo fechou-se numa mentalidade crua e fria em relação à espiritualidade. Seu caminho virou-se para o material e o que importa é o consumo nunca respeitando o tempo da natureza. O homem cada vez mais se afasta do diálogo, preferindo o silêncio aterrador da matéria do cientificismo, racionalismo e materialismo. Perde a noção das forças emotivas que o fazem se relacionar com os outros homens. A construção desses diálogos da compreensão de homem para com o próprio homem. O Homem perdeu a noção do perdão e da sua própria condição, emocional. Beuys acreditava numa volta à espiritualidade ao autoconhecimento e à capacidade de se auto-conhecer e procurava a maneira de ativar essa mudança.

De acordo com Portuga (2009, p.168),

Somente quando o homem tivesse consciência de si, ele poderia transformar a vida e a sua existência, e para ele, apenas através da arte isso seria possível. Era preciso “destruir os limites da arte e ampliá-los em forma e conteúdo. Neste sentido, a introdução de novos materiais e o descobrimento de novas formas simbólicas, resultou decisiva.

Vejo a obra de Beuys como a procura de mudança de paradigma para a humanidade, em que o Homem tem de perder o orgulho do seu ego e refletir sobre a condição real. Tem de olhar para dentro de si e encontrar sua natureza perdida nos últimos séculos anos. O retorno à natureza ao mistério da vida à verdade. A assimilação de todas as descobertas tecnológicas sucessivas que não são realmente digeridas, tornar-se-ão ocas. Os consumismos desenfreados causados pelos mercados tão saturados e prestes a rebentar. Como também a criação de necessidade pela sociedade de consumo. Perdem-se valores e verdades, trocadas pelas mentiras da sedução. A sua luta é também a minha luta acredito no seu trabalho respeito e admiro. A sua obra terá um significado muito maior quando a Humanidade acordar.

Quando trabalho com os catadores e pessoas ligadas ao lixo da cidade encontro sempre uma consciência ambiental. Elas acreditam que o trabalho que fazem é importante e procuram como eu despertar, nas pessoas essa mesma consciência.

Encontro aqui um bom exemplo de escultura social, agentes de uma sociedade a trabalharem juntos para a consciência global para mudanças concretas no comportamento das pessoas no mundo.

3.3 NOVOS PARADIGMAS DE CONSTRUÇÃO DE PENSAMENTO E METODOLOGIAS PARA A PESQUISA DE EXTENSÃO

Não consigo resumir o meu trabalho a um a tipo de expressão artística, minha arte é intermédia. Podemos dizer que as idéias partem da experiência vivida, e que se desdobram em desenhos, pinturas, fotografias, instalações e

performances. É impossível ficar apenas nos meios de expressão, pois o tipo de investigação é abrangente e os meios com que trabalho mudam consoante os locais e os momentos em que estou em campo de pesquisa. Pois por vezes chega a ser perigosa a minha presença em alguns momentos da investigação.

Estamos a entrar num novo ciclo no mundo. As rápidas mudanças, os vários níveis da sociedade fazem com que a Universidade tenha que adaptar e aglomerar a novos métodos de pesquisa. Estas novas formas de compreensão da realidade dão um novo alento às universidades criando mais dinamismo, e abrindo-as ao mundo. Hoje em dia já não faz sentido uma universidade fechada que despreza a realidade. A universidade hoje em dia quer-se aberta à comunidade e ao seu lado trabalhar junto.

Esta pesquisa de certa forma tem o objetivo de romper com alguns paradigmas quando se concentra no estudo baseada em diferentes parâmetros de investigação. Procura soluções a partir da arte e da visão artística para as problemáticas reais da sociedade. Não posso falar dos catadores se não tiver realmente envolvido com eles. A experiência concreta e vivida por dentro é sempre muito mais rica que a experiência contada por outros. Esse caso levar-nos-ia ao estudo do estudo, quero com isto dizer que seria uma investigação a partir do eco de alguma coisa e não do ruído que faz o eco. Portanto considero importante trabalhar em pesquisa de extensão que por assim dizer, trabalhar a partir dos problemas da sociedade estando inserido dentro da problemática de estudo.

Segundo Michel Thiollent (2003, p.1), em *Construção do conhecimento e metodologia da extensão*, diz que

Estamos entrando em um novo período histórico, com mudanças previsíveis e imprevisíveis, aberto a uma nova esperança de vida cultural nas universidades. Em vez de ser menosprezada, como foi o caso nos últimos anos, a universidade pública poderá sair fortalecida e dar novas contribuições em ensino, pesquisa e extensão, como objetivos sociais mobilizadores. Nesse novo contexto, acredita-se que os projetos de extensão terão uma importância sempre renovada. Tendo em mente esse desafio, sob forma de rápidas anotações, abordaremos seguintes aspetos: A produção de conhecimento e a extensão como construção social. O papel da metodologia participativa. As dimensões críticas e reflexivas. O delineamento de um propósito emancipatório para extensão.

Dialogando com estas novas metodologias de extensão procuro a produção de conhecimento a partir das experiências vividas dia a dia ao lado dos catadores. Por um lado tendo em vista a produção científica que sustenta a produção artística a partir de testemunhos reais, as vivências dos lugares e dos fatos me movem fazer um trabalho plástico que seja útil à reconciliação entre classes sociais. Por outro lado, o compromisso com os catadores de certa forma vêm no meu trabalho não somente uma maneira de dar maior visibilidade à sua atividade, mas também perceber a importância deles mesmos e das suas ações tão importantes para o equilíbrio do bem estar da população em geral. Com isso a construção da compreensão de um todo social a partir da visão artística torna-se fundamental seu desenvolvimento pensado de uma interação participativa, para reforçar o lado da escultura social, o qual venho intensivamente trabalhando.

Neste sentido, a vivência dos atores envolvidos num trabalho em construção e sua relação com as circunstâncias culturais, econômicas, sociais e históricas, permitem na pesquisa-ação segundo Thiollent (2003, p.4) como:

A pesquisa-ação que é realizada em um espaço de interlocução onde atores implicados participam dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação. Nesse espaço, os pesquisadores extensionistas e consultores exercem um papel articulador e facilitador em contato com os interessados. Possíveis manipulações devem ficar sob controle da metodologia e da ética.

Este dado tem particular importância ao colocar o pesquisador em contato direto com o grupo de catadores estabelecendo uma participação mais efetiva. As diretrizes são apontadas por Ernest Stringer (1999, p.35):

Possibilita significativo nível de envolvimento. Capacita as pessoas na realização de tarefas; dá apoio às pessoas para aprenderem a agir com autonomia. Fortalece planos e atividade que as pessoas são capazes de realizar sozinhas. Lida diretamente com as pessoas do que por intermédio de representantes ou agentes.

Esta metodologia participativa gera muitas vezes a descrença, por utilizar retóricas pouco conseqüentes nas práticas interativas baseadas na crítica e reflexão, emancipadas.

Mas vejo o meu trabalho artístico na conjuntura desta dissertação como um contributo válido para propor a reflexão sobre sociedade através da arte. A fruição da arte deve estar vinculada à experiência de cada um, pois 'cada indivíduo vê aquilo que sabe'. E ao produzirmos obras que vão de acordo a temática social, convidamos o fruidor a pensar o mundo.

Beuys (1981) fala em escultura social e esse conceito deve ser trabalhado por cada um de nós. O objetivo é que dependendo de cada atividade que esse trabalho deve conter no todo. Quero com isto dizer que o homem deve trabalhar a artisticidade em qualquer área que atue. Seja na medicina, na economia ou na educação, para construir junto um mundo melhor.

É neste sentido que o meu trabalho de investigação se quer sustentar. Trabalhar em poéticas artísticas que direta ou indiretamente mudem a visão que a sociedade tem da própria sociedade. Deixando de lado tabus e preconceitos que a sociedade esta completamente minada. Interessa-me conceitos que sugerem de uma arte total que se desdobra em múltiplos sentidos. É importante pensar na forma como a criação esta implicada nesta nova forma de ver o mundo: através do conceito de Escultura Social, modelo de mediação da informação proposta por Beuys.

O modelo educativo hoje funciona como uma fábrica, em que o objetivo é apresentar o conhecimento de forma vertical, obrigando os indivíduos a decorarem conceitos e a terem uma resposta comum a cada pergunta. Sugiro a apresentação do conhecimento de forma horizontal em que cada um pudesse descobrir as variadas respostas para cada questão colocada, isto traria o dialogo e acabaria com o preconceito.

Hoje o sistema de informação assemelha-se a esta imagem: numa aula de ginástica temos um cavalo, um macaco, um coelho, um gato, um cão, uma baleia. E o desafio é quem consegue subir a árvore mais rapidamente. Esta analogia propõe a reflexão em relação à realidade de cada indivíduo suas capacidades e as diferentes realidades sociais que cada um vive.

3.4 DIALOGOS NA RESSIGNIFICAÇÃO DO DESPERDICIO

Ao longo da investigação encontrei numerosos artistas, cujas obras dialogam com a intenção da minha. Descobri inúmeros trabalhos com ligações importantes para os vários desdobramentos que a arte pode ter na missão de conscientizar o mundo para o espírito crítico. São artistas contemporâneos que utilizam o lixo como principal elemento nas suas obras.

Na obra do artista americano Chris Jordan, podemos encontrar fotografias de lixo de consumo de massa, técnica que ele desenvolveu depois de visitar um pátio industrial onde estavam depositados toneladas de vários tipos de lixo. Este artista começou por observar padrões de cor e formas. Tal observação o levou a desenvolver um trabalho o qual chama atenção para a sua fotografia como forma de conscientização.

Jordan utiliza objetos comuns do quotidiano como copos de plástico, maços de tabaco, celulares entre outros, criticando a sociedade americana por ter uma atitude de desconhecimento cego envolvido no consumismo. O seu trabalho, inúmeras vezes perturbador, é uma mensagem ousada sobre os comportamentos inconscientes na nossa vida quotidiana. Deixando espaço para o próprio espectador tirar as suas próprias conclusões sobre as conseqüências inevitáveis para o mundo, que surgirão a partir dos nossos hábitos diários.

Nas figuras 23, 24 e 25 da página seguinte, Jordan quis mostrar com o resultado do seu trabalho com 106.000 latas de refrigerante que são produzidas a cada 30 segundos nos USA. Assim, chama à atenção para a quantidade completamente irresponsável de resíduos que são produzidos todos os dias pela sociedade e que parece não despertar para graves problemas que nos levam o consumismo selvagem.

Minha obra dialoga com esta obra no mesmo sentido, a procura para a conscientização da população para o que se está a passar no mundo.

Figura 23 – *Cans Seurat*. Chris Jordan, 2007.
Dimensão: 60x92



Fonte: www.chrisjordan.com/

Figura 24 – *Cans Seurat* (detalhe I), Chris Jordan, 2007.



Figura 25 – *Cans Seurat*, (detalhe I). Chris Jordan, 2007



Fonte: www.chrisjordan.com/

Outro artista que chamou a minha atenção para esta problemática foi Jean Smith que trabalha os resíduos no sentido de aproveitar as suas formas originais para criar poéticas que despertem o espectador para a análise dos seus próprios despojamentos. A artista enfatiza e ironiza a sociedade atual com as suas instalações dando novas funções para objetos despojados pela população aproveitando a plasticidade de cada elemento. Mais uma vez jogando com o múltiplo e com a fabricação em série. Esta instalação enfatiza as ondas tecnológicas que são ultrapassadas por outras rapidamente esta peça manifesta a efemeridade da música e dos suportes utilizados para a reproduzir.

Figura 26 – *Sound Wave*, Instalação no Museum of Arts & Design
Autor: Jean Smith, 2007



Fonte: <http://www.jeanshin.com/soundwave.htm>

A sua obra faz nos refletir a nível individual sobre as nossas formas de consumismo e a procura pelo novo tornando aquilo que já está ultrapassado algo que já não nos pertence.

Vik Muniz artista brasileiro também chamou a minha atenção tanto a nível formal das suas obras como a nível vivencial. Ao ver seu documentário realizado entre 2007 e 2009, *Lixo Extraordinário*, trabalho com os catadores do Jardim Gramacho (São Paulo), identifiquei minhas deslocções aos ferro-velho e aos lixões.

As pessoas que ele encontrou eu também encontrei. A realidade que ele viu e sentiu eu também a passei. Embora claramente os recursos utilizados por mim são muito pequenos em comparação a Muniz. Vaguei pela periferia, pelos lixões e ferro-velho, sozinho só com a convicção que tinha de experimentar, aventurar-me e tornar a minha pesquisa real.

Ao descobrir a obra de Muniz encontrei a minha também se levantando daqueles lugares, encontrei mecanismos semelhantes ao que o *referido artista* recorreu através do diálogo partilha e troca. Encontrei também nestas pessoas que trabalham com o lixo a esperança de uma vida melhor. Por isso os retratos criados a partir do trabalho realizado no aterro do Jardim Gramacho (São Paulo), me emocionaram (Figura 27).

Figura 27 – *Sem título*, Vik Muniz, 2009.



Fonte: <http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/cinema/>

Washington Santana, artista Baiano, é também uma referência neste tipo de intervenções, trabalha com o lixo que a sociedade deita fora. Todos os tipos de objetos que encontra no lixo em suas mãos transformam-se em obras de arte. A felicidade com que se encontra a quando deambula numa sucata qualquer contrasta com a realidade que o envolve a miséria a degradação entre outras sensações que só quem vai a lugares assim pode sentir. Um trabalho que me chamou a atenção que em minha opinião, sintetiza as ligações com o trabalho que desenvolvo é *Brazilian flag* (Figura 28) em que a bandeira nacional é feita com sandálias usadas

de pessoas comuns. Washington diz que o conjunto de formas provenientes de vários lugares junta numa só trazem a força cósmica da comunhão.

Figura 28 – *Brazilian Flag*. Washington Santana, 2003.



Fonte: <http://www.brazilmax.com/news3>

Os trabalhos da dupla de artistas Tim Nobel e Sue Webster são uma reflexão a nossa condição de consumidores compulsivos. Tratam de forma sublime essa realidade. Agrupando vários tipos de lixo encontrado pela cidade de Londres esta dupla aglomera os seus achados em montes meticulosamente colocados para quando recebem a luz em determinada posição projetarem sombras escondidas de figuras humanas (Figura 29). A utilização do lixo por esta dupla de autores é uma forma anárquica num mundo da arte que cada vez mais quer imitar o resto da sociedade.

Figura 29 – *Dirty White Trash (with Gulls)*, 1998.
Autores: Tim Nobel e Sue Webster



Fonte: timnobleandsuewebster.com/home.html

John Dahlsen é também uma referência que não pode deixar de ser lembrada. Ele deixou a pintura abstrata num dia em que passeava pela praia e encontrou inúmeros restos de plásticos e variados materiais que tinham chegado à costa numa praia da Austrália agrupando tonalidades. Descobriu que dessa forma podia chamar a atenção para materiais que são jogados no mar que de outra forma nunca seriam notados. Criando assim uma mensagem ambiental (Figura 30).

Figura 30 – *Pastel serie*. John Dahlsen, 2006.



Fonte: www.brits-art.com

É importante existirem inúmeros autores a trabalhar com problemas reais do mundo, estas ligações conceituais tornam a visão das problemáticas sociais mais acessíveis a todos. E através da arte a construção do dialogo coerente para a mudança de paradigmas para a humanidade. Eu acredito que com intervenção consciente podemos alcançar um mundo melhor. Se cada um de nós a partir de pequenas mudanças no quotidiano podemos mudar muita coisa em prol de um futuro mais limpo do nosso planeta. É importante compreender o conceito de escultura social quando Beuys diz “Todo mundo é um artista”, quer dizer que todos nós podemos trabalhar unificados para um mundo melhor. Deixando de lado as ambições pessoais que afetem terceiros. Acredito que a partir do cooperativismo

global o mundo e do esforço conjunto dos países das múltiplas indústrias das empresas e principalmente as pessoas individuais podemos juntos melhorar as condições de vida das pessoas carentes e de nós próprios. É importante a informação e, sobretudo a educação. Pois a partir da educação as pessoas podem saber escolher melhor os seus caminhos.

As obras de autores que nos fazem refletir sobre o mundo na sua globalidade são veículos de compreensão do estado em que vivemos.

Acredito que se cada um de nós olharmos para o mundo livre de complexos e de preconceitos compreenderá que tem uma palavra a dizer e que pode mudar muitos hábitos que prejudicam. O tempo voa e está em nossas mãos o poder mudar alguma coisa. A arte tem um papel fundamental para a mudança social. A arte propõe o pensamento sobre o mundo. E o que proponho neste trabalho é um convite a essa reflexão.

4 A CATAÇÃO NA INVESTIGAÇÃO

4.1 O DESENHO COMO FORMA DE CATAR

O desenho é uma forma de observação e representação do mundo. É um pretexto para ver duas vezes, é uma maneira de levar a idéia a algo métrico e visível que encha a alma. O simples fato de observar e registrar são, um pouco, formas de passar uma idéia, um episódio ou até uma passagem. Faz ver e suscitar o pensamento refletivo, e direcionado a compreender os conceitos intrínsecos.

O desenho é a base da pesquisa por razões simples: a imagem poética é a forma de ressignificar tornando o que vejo. Posso andar sempre acompanhado do meu bloco, podendo exercer o ato de desenhar em qualquer lugar, não interferindo diretamente com a imagem individual de cada individuo representado, como a fotografia o faz. O objetivo não é representar cada individuo, mas sim representar sentimento de grupo e os vários simbolismos ligados.

Inspirado pela obra de Joseph Beuys e do seu conceito de Escultura social, e de frases como “a primeira forma de pensamento é já escultura”. Encontro nestes indivíduos a representação perfeita de um mundo desigual que lembra uma realidade apocalíptica.

Os desenhos que apresento no meu trabalho de investigação são meras lembranças de algo que é muito real, mas que ninguém está disposto a ver.

A série *Os Catadores* serve para lembrar que o mundo se precipita por uma espécie de interpenetração mortal. Cai na realidade como um resíduo, ao mesmo tempo em que cai o mundo das aparências, cai também o véu da vergonha e o desrespeito por tudo é posto diante dos nossos olhos de forma real.

O homem ganha consciência da sua própria autodestruição e não sabe lidar com o freio do seu consumo insano (Figura 31).

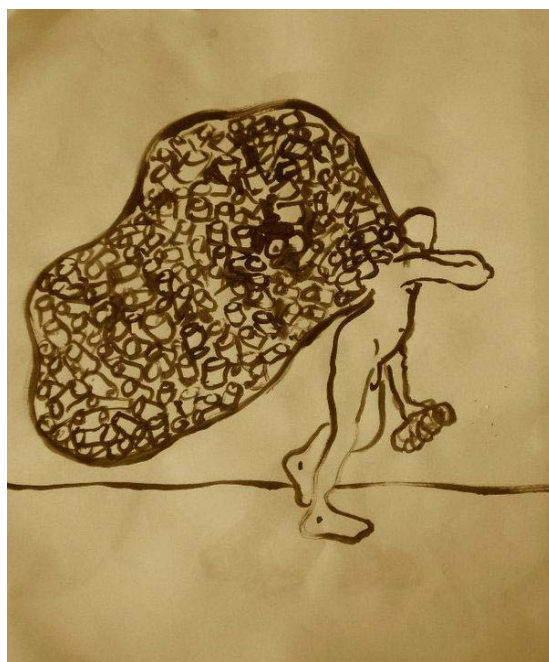
Tudo isto para falar de quem carrega o peso desta realidade, fazendo parte deste ciclo materialista completamente desequilibrado (Figura 32).

Figura 31 – *O Homem e o lixo*. João Aires, 2010.
Técnica: Desenho s/papel
Dimensão: 27x19cm



Fonte: Acervo fotográfico do artista.

Figura 32 – *Os catadores*. João Aires, 2010.
Técnica: Desenho s/ papel.
Dimensão: 27x19cm



Fonte: Acervo fotográfico do artista.

De certa forma eu desenho como que procura latas no meio do lixo. Procuo desenhar nos locais onde me encontro com os catadores. Dessa forma estou mais perto, sinto o cheiro, a adrenalina do ambiente e vivo intensamente esses lugares. Perco-me na insanidade da consciência que trabalho em locais não recomendados. Mas que ao mesmo tempo estão cobertos de verdade. E, é essa verdade me atrai e estimula o fazer a pesquisa pictórica. A minha presença ali causa o estranhamento resultante da desigualdade social. Ao me sentar diante de uma sucata observando as atividades diárias descubro o mundo. Encontro o final de uma cadeia que ali ao mesmo tempo recomeça. Descubro um submundo rico em significados e significações, que de certa forma responde a muitas perguntas sobre o significado da vida.

As ligações que encontro entre os vários cenários que percorro são tão chocantes. É incrível poder me deslocar a um shopping ou a uma festa de rua e observar o consumo para depois ir a um lixão, e sentir estes dois extremos. Não me é indiferente viver nestes dois mundos e por isso desenho.

Ao longo do tempo de investigação descobri que ao sentar-me a desenhar em qualquer um destes lugares me sinto bem. Uma espécie de sentimento ligado ao registro performativo. De certa forma tento ser invisível, mas ao mesmo tempo quero que a minha presença seja notada e questionada daí a ligação á performance que falaremos noutro capítulo.

O desenho de investigação leva ao pensamento crítico do mundo. Pois uma imagem é interpretada de muitas maneiras.

O desenho leva-me à construção de conceitos ligados à comunicação de idéias e que por sua vez me levam a descobrir novas formas de lidar com a realidade, e, tentar mudar de certa forma a consciência em relação ao problema tratado, neste caso, o lixo.

O desenho leva-me a experimentar a pintura de objetos oriundos do desperdício. Pinturas essas feitas a partir da observação direta dos utensílios que nos remetem para os questionamentos oriundos das formas destes elementos. (Figuras 33 a 37).

Figura 33 – Série “Os Catadores”. João Aires, 2011.
Técnica: Acrílico s/tela
Dimensão: 27x19cm



Figura 34 – Série “Os Catadores”. João Aires, 2011.
Técnica: Acrílico s/tela
Dimensão: 27x19cm



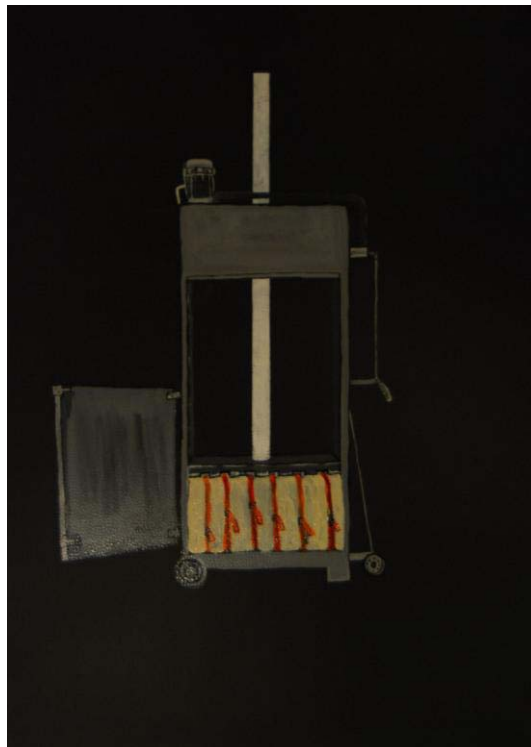
Fonte: Acervo fotográfico do artista.

Figura 35 – Série “Os Catadores: catador”. João Aires, 2011.
Técnica: Acrílico s/tela
Dimensão: 30x30cm



Fonte: Acervo fotográfico do artista.

Figura 36 – Série “Os Catadores. a prensa”. João Aires, 2011.
Técnica: Acrílico s/tela.
Dimensão: 100x40cm.



Fonte: Acervo fotográfico do artista

Figura 37 – Série “Os Catadores. a balança”. João Aires, 2011.
Técnica: Acrílico s/tela
Dimensão: 100x40cm



Fonte: Acervo fotográfico do artista.

Durante a investigação como referido anteriormente encontrei vários lugares e alusões para o desenvolvimento do trabalho plástico, que na minha perspectiva deve ser aberto a novos códigos simbólicos. Ao me deslocar aos diversos espaços registrei o solo por onde passei resultado da experiência vivida. Estes apontamentos fotográficos ao qual chamei as texturas do lixo e do abandono. Encontramos referências diretas ao despojamento ao abandono ao caos à passagem do tempo pelos lugares e ao descrédito. Na série de trabalhos fotográficos materializa de uma forma concreta o meu pensamento sobre as pessoas pobres e abandonadas por todo Salvador. Representa de forma simbólica aquilo que ainda não foi aproveitado, e esta neste momento está abandonado à espera de ser recolhido e transformado em algo novo e útil. Representa o fundo do

poço a que chegamos. Mais baixo não dá para ir. Por isso, agora, o impulso tem de ser o inverso saltar para fora do poço

Figura 38 – Texturas do lixo e do abandono I
Fotografia: João Aires, 2011



Fonte: Acervo fotográfico do artista.

Figura 39 – Texturas do lixo e do abandono II.
Fotografia: João Aires, 2011.



Fonte: Acervo fotográfico do artista

Figura 40 – Texturas do lixo e do abandono, III.
Fotografia: João Aires, 2011.



Fonte: Acervo fotográfico do artista

Figura 41 – Texturas do lixo e do abandono, IV.
Fotografia: João Aires, 2011.



Fonte: Acervo fotográfico do artista

Figura 42 – Texturas do lixo e do abandono, V.
Fotografia: João Aires, 2011.



Fonte: Acervo fotográfico do artista

Neste mundo cruel, dominado pelas indústrias e pelo capital, em que não existem limites para o desperdício, e que o desperdício de uns representa a sobrevivência de outros. Num planeta desequilibrado em que a miséria anda lado a lado com o lixo. Acredito que o trabalho que apresento levam-nos a repensar todos os seus hábitos e a tentar ver o mundo como um todo, e esse é um objetivo do que me proponho ao lançar estes trabalhos. Acredito que a pouco e pouco despertando mentalidade a trás de mentalidade podemos construir um mundo melhor.

4.2 LIXO INVISÍVEL DE JOÃO NINGUÉM

Ao pensar num local para receber a exposição final do meu trabalho de investigação materializado, escolhi a Galeria Canizares da Escola de Belas Artes. A mostra *Lixo Invisível de João Ninguém*, é a conclusão do esforço desenvolvido não só por mim, mas por todos os que ajudaram a se concretizá-lo (ver cartaz da exposição no Apêndice).

Esta exibição consiste em recriar o ambiente caótico em que o lixo é abandonado pela população e criar um ambiente que o observante se sinta claustrofóbico dentro do seu próprio lixo, convidando o observador a refletir sobre as suas próprias ações do quotidiano.

Este ambiente é criado a partir do exagero da quantidade de lixo que vai ser depositado na galeria. O objetivo é chocar alertar e conscientizar. Propondo ao observador a criação de alternativas para estas problemáticas.

A partir do esforço cooperativista da Camapet da Conder foi possível encontrar os mecanismos para a criação do ambiente da exposição, Estas ligações entre as instituições as cooperativas e as pessoas comuns como eu são o primeiro passo para juntos podermos construir um mundo melhor e principalmente mais consciente.

A mostra é composta por múltiplos sacos de lixo catados na cidade de Salvador e depositados na durante um tempo determinado na Camapet. E que representa o trabalho árduo de muitos indivíduos que honestamente fazem este importante trabalho de recolha como forma de sobrevivência.

De uma forma despretensiosa reúno nesta exposição elementos importantes para o convite à participação e ao diálogo, sobre estas problemáticas.

Catadores individuais, associados, pessoas comuns, professores, alunos, consumidores, população em geral é convidada a ver o seu próprio lixo resgatado das profundezas do esquecimento e selecionado especialmente para si.

Este trabalho é como um grito de revolta de pessoas que diariamente lidam com estes materiais e que vem o seu trabalho diário à margem da sociedade. Sociedade essa que encontra no consumo compulsivo a falsa felicidade prometida por a propaganda diária e invasiva.

Nesta mostra tem a participação da Camapet, exibindo trabalhos executados por cooperados os quais apresentam algumas alternativas de reaproveitamento de resíduos urbano: material de construção, brinquedos, móveis e bijuterias.

É verdade que já existem muitas políticas, cooperativas e pessoas a tratar destes problemas, mas ainda é pouco e nunca devemos esquecer que a partir de pequenas ações como a separação dos resíduos, a escolha equilibrada dos produtos que adquirimos, a informação sobre a origem de cada produto entre inúmeros fatores que podem melhorar a nossa qualidade de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta dissertação consegui criar uma ponte entre o trabalho que realizava em Portugal na cidade do Porto. O lixo que procurava pelas ruas era abandonado nas mesmas como poéticas visuais. Porém foi em Salvador que comecei a ter consciência da desigualdade do mundo, descobri pessoas que vivem a partir do aproveitamento dos despojos de outros, descobri um mundo em crise social. A partir da observação participante e no dia a dia Baiano compreendi o todo como escultura social. Encontrei pessoas que a partir do seu meio de sobrevivência e esforço pessoal conseguem ir coletando quilo a quilo materiais que são aproveitados para a reciclagem e assim criar um mundo melhor.

A observação em que me envolvi nesta pesquisa levou-me a compreender os inúmeros fatores, sociais, políticos. A construção da idéia artística é o meio como expresso as minhas preocupações em relação ao mundo que nos rodeia.

Quando comecei a pesquisa não tinha uma idéia concreta de como a investigação se ia desdobrar, nem como me mudaria a consciência e compreensão do mundo e do ato criador. Fui surpreendido por lugares, pessoas, que se cruzaram no meu caminho, nas conversas que tive havia sempre uma sensação de impotência em relação ao rumo que a economia do mundo esta a levar.

Encontrei uma espécie de conformismo resistente. Quero com isto dizer que muitos dos catadores que recolhem pelas ruas as matérias que são desperdiçadas fazem-no a pensar na sua subsistência e na subsistência de suas famílias.

Quanto a mim ficarei sempre com a sensação que as pessoas olham para a realidade como ficção. Que a desigualdade e a miséria são coisas normais, e que não vale a pena nos importarmos com isso. O que eu não compreendo é como é que estamos a conduzir contra a parede vendo a parede a 100 metros de distância sem abrandarmos.

As mudanças desejadas podem levar o tempo que a sociedade em geral necessita para deixar de ser egoísta e despertar para uma nova consciência social e humana.

Descobri que através da arte e do pensamento crítico podemos mudar ações do cotidiano, podemos despertar a consciência da população.

Esta investigação não se fecha nesta dissertação. Com este trabalho abri portas para novas idéias e formas de abordar estes temas que fazem parte do dia a dia comum de qualquer pessoa.

Depois de tudo o que passei durante estes dois anos, sinto-me uma pessoa melhor, mais consciente, e mais sensível para as problemáticas do mundo.

Se a arte serve para aprimorar o ser humano, a investigação artística é uma ferramenta para despertar a coerência daquilo que investigamos.

Foi muito importante para mim enquanto artista plástico deixar o meu país e embrenhar-me a fundo nesta investigação. Espero sinceramente que este texto que aqui vos deixo ajude a compreender a importância do artista visual no mundo como agente social que desperte no público o interesse para discutir problemas de ordem humanista.

“Libertar as pessoas é o objetivo da arte, portanto para mim é a ciência da liberdade.” Beuys

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. A arte é alegre? In: RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton; ZUIN, Antônio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno (Orgs.). **Teoria crítica, estética educação**. Campinas: Unimep, 2001. p. 11-18.

ADRIANI, Götz; KONNERTZ, Winfried; THOMAS, Karin. **Joseph Beuys: life and works**. New York: Barron's Educational Series, 1979.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1972.

BARBOSA, Rosangela Nair de Carvalho. **A economia solidária como política pública**: uma tendência de geração de renda e ressignificação do trabalho no Brasil. São Paulo, Editora Cortez, 2007.

_____. Trabalho e Economia Solidária: elementos para pensar a desigualdade social. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 62. Natal, jun. 2010. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/62ra/mesas_redondas/>. Acesso em: 22 abr. 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as conseqüências humanas. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Vidas desperdiçadas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa parâmetros em ação, meio ambiente na escola**: guia do formador. Brasília: MEC; SEF, 2001. 426 p.

BUARQUE, Sérgio. Desenvolvimento sustentável: conceitos e desafios, **Bahia Análise & Dados**. Salvador, SEI, v.7, n.2, p.5-15, set. 1996.

CONSTANCE, Paul. **Dignidade no lixão**. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=16726>> Acesso em: 12 jun. 2011.

GOODNEWS, Decio. **A sociologia da arte e a "definição" do imaginário.** Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/2198642>>. Acesso em: 12 jun. 2011.

KEATS, John. **Ode sobre uma urna grega** (poesia). Tradução de Augusto de Campos. Poesia. Net. São Paulo, v.3, n.123, jun., 2005.

MANZINI, Gabriela. No Japão, colocar lixo na rua requer manual de instruções. **Folha Online**, São Paulo, 04 mar. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 27 jun. 2011.

RECH, Gisele. **Catar papel, modo de sobreviver.** Disponível em: <http://www.reciclaveis.com.br/noticias/00509/0050908modo.htm>. Acesso em: 12 jun 2011.

RODRIGUES, Jacinto. Joseph Beuys: um filósofo na arte e na cidade. **Arquivo Vivo**, Porto, n.101, s.d.. Disponível em: <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=101&doc=8357&mid=>. Acesso em: 20 maio 2011.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes de criação: construção da obra e arte.** 2. ed. São Paulo: Horizonte, 2008.

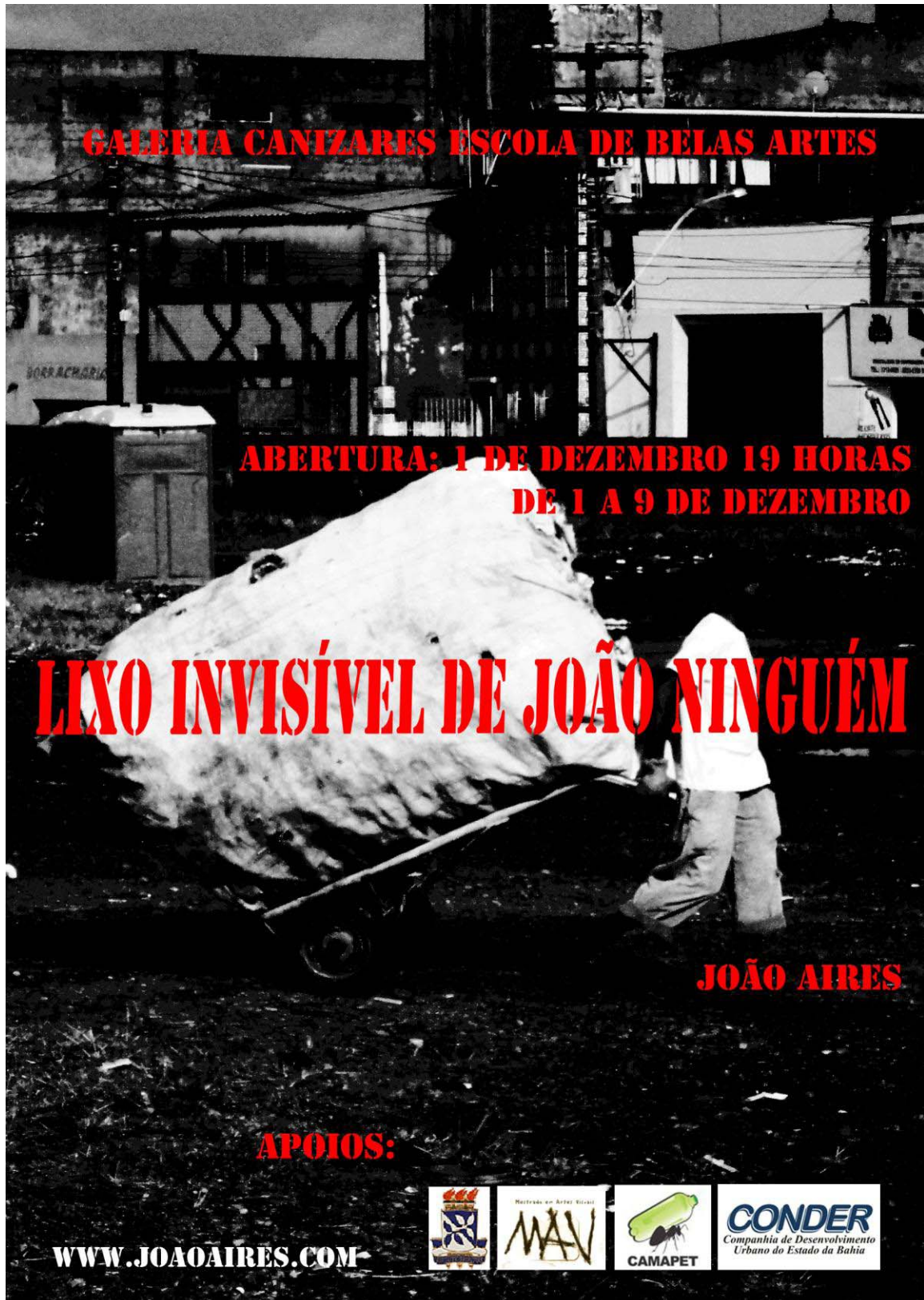
SILVEIRA Ribeiro, Celina da. **Análise das tecnologias de tratamento de resíduos biológicos de serviço de saúde em hospitais públicos no Município do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: s.n., 2008.

SOUZA, Moema. **Camapet melhora qualidade de vida na Península Itapagipana,** out. 2007. Disponível em: <wordpress.com/category/projetos-sociais/>. Acesso em: 25 set. 2011.

STRINGER, Ernest. **Action research.** 2nd ed. Thousand Oaks; Londres: Sage, 1999.

ZANETI, Izabel. **Inclusão social, resíduos e reciclagem. Uma ação transdisciplinar em busca da sustentabilidade.** Disponível em: <http://gesto.prdf.gov.br/legislacao-e-outrosdocumentos/publicacoes_inclusao_social_residuos_reciclagem_.pdf>. Acesso em: 15 jul 2011.

APÊNDICE – Cartaz da exposição *Lixo Invisível de João Ninguém*



Apoios:

Mestrado em Artes Visuais



CAMAPET

CONDER
*Companhia de Desenvolvimento
Urbano do Estado da Bahia*

fapesb 
Fundação de Amparo
à Pesquisa do Estado da Bahia

SECRETARIA DE CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO


Bahia
GOVERNO
TERRA DE TODOS NÓS